

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. 4 ed., Rio de Janeiro: Record, 1999. 351p.
- HENRY, Michel. **A morte dos deuses**: vida e afetividade em Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, s/d. 171p.
- MORENO, Luis Jiménez. **Nietzsche**. Barcelona: Labor, 1972. 183p.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Ediouro, 1986. 250p.
- \_\_\_\_\_. **Twilight of the idols/The Anti-Christ**. London: Penguin Books, 1990. 207p.
- \_\_\_\_\_. **Obras incompletas**.. 5 ed., São Paulo: Nova Cultural, 1991. v. 2 194p. (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 271p.
- \_\_\_\_\_. **O anticristo**. Lisboa: Guimarães, 1994. 112p.
- \_\_\_\_\_. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 330p.
- \_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 349p.
- \_\_\_\_\_. **Ecce Homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Porto Alegre: L&PM, 2003. 188p.
- \_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2004. 254p.
- .REALE Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991. 1113p.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche**: Biografia de uma tragédia. São Paulo: Geração, 2001. 363p.
- SOLOMON, Robert C. **Living with Nietzsche**: What the great "immoralist" has to teach us. New York: Oxford University, 2003. 243p.



ressignificação. Só afirmando a estupidez de todos os fantasmas morais podemos sair do niilismo, entendido como incapacidade de viver com o que se tem, de crer no que se tem, no caso, a terra – única certeza, única realidade. Só com a adesão total à terra podemos transformar o niilismo, que antes de tudo seria indolência e fim, em novo começo e nova exultação. Afirmar que a terra é a totalidade significa ser nobre. E começar a viver *nessa* totalidade significa responder com a existência mesma a pergunta-base de Nietzsche: “Como podemos viver em um mundo sem Deus, mas que dê sentido à vida?”

Os paradoxos parecem ser o espírito de Nietzsche. Foi apaixonado pela vida na mesma intensidade em que foi triste. Foi ateu e renegou o cristianismo mesmo sendo filho de um pastor. Um corpo afligido constantemente por inúmeras dores, mas um espírito vigoroso. Um pulmão que não resiste o ar rarefeito, mas um espírito que resiste todas as alturas. Amor à dor. Negação da moral, mas uma existência totalmente moral, desconsiderando apenas seus escritos. Apologia das paixões e dos instintos, mas uma existência cândida e continente. Nietzsche é a justificação do seu conceito “espírito livre” – com ele, um espírito livre, aprendemos que tal espírito se faz antes nas convicções íntimas que nos comportamentos bizarros. São os *pensamentos* que contam na hora de definir se um homem é um “espírito livre” ou um “espírito cativo” – os primeiros sempre terão *seus* pensamentos, os últimos terão os do *rebanho*.

por Nietzsche, em oposição ao Reino da Mendacidade e do Ideal concebido pela moral judaico-cristã.

Se o Reino concebido pela moral é falseado – um mundo moral-em-si, fantasioso, ideal – a Moral mesma não pode ser outra coisa senão uma mentira. Portanto, os homens estão dando muita atenção a uma mentira, porque vivem e pensam segundo os preceitos morais. Todo talento, todo movimento ascendente é sufocado porque estes preceitos justamente assemelham os homens – logo, os espíritos livres, homens que desrespeitam os preceitos, serão necessariamente dessemelhantes, necessariamente apartados. A homogeneização, porém, pode não ser benéfica inclusive para os cordeiros, pois num mundo onde o conflito de talentos, de forças, de inteligências é suprimido o máximo possível, os homens não se desenvolvem porque não existe necessidade de desenvolvimento. Não saberão nem mesmo conflitar de modo nobre quando se depararem com um homem que fugiu à homogeneização – um espírito livre. Pensarão em arrasá-lo, censurarão seus talentos, demonizá-lo-ão, mas antes de tudo, esses cordeiros não pensarão que poderiam estar em seu lugar, que poderiam transcender a linha, que poderiam ser autênticos.

A moral é censurada porque é a mãe da mentira. Para Nietzsche, o caminho que a moral oferece para a verdade, conduz-nos à "*mais coerente de todas as falsificações*" (NIETZSCHE, 1992, p. 84) – um mundo ideal. Mas o mundo é arbitrário, dirá Nietzsche, e mesmo essa falsificação da moral tem seu fim pelo imenso poder de evidência da verdade. Tal evidência solapa a confiança dos homens na moral. Solapa, mas não os faz deixá-la totalmente, porque o mundo real é *terrivelmente* diverso do mundo ideal *ensinado* pela moral. O que ocorre é apenas um meio-desdém, um meio-deixar que, segundo Nietzsche, tem de ser realizado em plenitude. Os homens apenas passam a ser capazes de desrespeitar alguns ensinamentos morais que são então considerados estúpidos, mas não consideram estúpidos outros fantasmas morais como Deus ou o mundo ideal.

Mesmo esses fantasmas devem se dissolver para possibilitar o surgimento do Reino da Verdade. A aceitação do fim da moral e de Deus conduz à existência do homem nobre, incapaz de viver sob a moral. Um meio-deixar a moral resulta em niilismo, um total-deixar resulta em

## CONCLUSÃO

Em 1888, um ano antes de afundar em seu último colapso, de onde só sairia morto dez anos depois, Nietzsche escreveu “O crepúsculo dos ídolos”. Com o subtítulo deste livro, “Como filosofar com o martelo”, o estilo filosófico do pensador recebeu um nome que ele mesmo inventou. Sua filosofia, desde então, pôde ser chamada, como ele mesmo o quis, de “filosofia do martelo”. Usei esta expressão no título de minha monografia e não por acaso deixei para justificá-la apenas na conclusão. Após ler todo o texto é fácil entender como é filosofar com o martelo. Que faz um martelo? Um martelo apenas, sem um prego? Um martelo arrasa, destrói. A filosofia nietzschiana está para destruir. É o que notamos após a leitura de seus livros, é o que notamos após a leitura desta monografia. A reconstrução é sinceramente desejada pelo filósofo, que amou a força, a beleza, o poder de criação. Mas só desejada, não ensinada. Nietzsche pensa que nos ensinando a reconstruir, ele estaria inextricavelmente reduzindo nossa necessidade de ser fortes. Logo, não ensina nem ajuda. A reconstrução é responsabilidade *nossa*. Sendo capazes dela, somos fortes.

Nietzsche chamou seu “O crepúsculo dos ídolos” de “*uma grande declaração de guerra à todas as idéias predominantes de seu tempo*”<sup>22</sup> (NIETZSCHE, 1990, capa). Em *Ecce Homo*, justificou seu título: “*Aquilo que chamo de ídolos no título é, simplesmente, tudo aquilo que foi chamado de verdade até hoje. O crepúsculo dos ídolos – em alemão: a velha verdade chegou ao fim*” (NIETZSCHE, 2003, p. 131).

Mas não é só o “Crepúsculo” que deseja arrasar ídolos. Não só o “Crepúsculo” é “uma grande declaração de guerra”, mas todos os seus livros. Neles, podemos encontrar o alvo para onde se dirige a belicosidade do filósofo sob apenas uma palavra – mentira. Guerra à mentira. Ele escolheu as únicas armas possíveis para confrontar seu inimigo – sinceridade, honestidade, realidade. Estas armas representam atitudes e estas atitudes são a base para a efetivação do Reino da Verdade e da Nobreza desejado

---

<sup>22</sup> “a grand declaration of war’ on all the prevalent ideas of his time”. Tradução minha.

“Engano (– a crença no ideal –) não é cegueira, engano é **covardia**... Toda a conquista, todo o passo adiante no conhecimento é **conseqüência** da coragem, da dureza em relação a si mesmo, da decência consigo mesmo” (NIETZSCHE, 2003, p. 17).

Assim é o procedimento dos homens nobres, segundo Nietzsche. Assim é como os homens devem agir se desejam ser nobres – sendo duros consigo mesmos, encarando as verdades porque cedo ou tarde elas emergirão, confessando a imoralidade ou amoralidade do mundo e, desta maneira, aceitando o mundo e a existência como são – Nietzsche chamou essa aceitação de *amor fati* – preceito de verdadeira sabedoria – “Não evitar nem se conformar e muito menos dissimular, mas afirmar o necessário, amar o que não pode ser mudado” (NIETZSCHE, 2004, p. 14). Nietzsche logo passou a seguir esse preceito. Ele tinha a saúde afligida por praticamente todas as afecções que alguém pode ter. Um dia soube da inutilidade de sua luta contra a dor. Passou a amá-la. “Agora tudo está bem para mim, agora amo qualquer destino” (NIETZSCHE, 1992, p. 91).

Em 1951, o pensador franco-argelino Albert Camus, num momento de seu livro “O homem revoltado” onde analisa o pensamento de Nietzsche, chamará o *amor fati* do filósofo alemão de um “*consentimento orgulhoso da alma diante do inevitável*” (CAMUS, 1999, p. 96). Mas “sábio consentimento” que, após separar as coisas entre as que podem e as que não podem ser mudadas, ocupa-se em melhorar o mundo cuidando das que podem – os homens *podem* – e afirmando sem restrições, numa aprovação superior, erro e sofrimento, mal e assassinato, tudo que a existência tem de problemático e de estranho. Essa aprovação superior “*nasce de uma vontade determinada de ser o que se é, em um mundo que seja o que ele é*” (Ibidem, p. 94). Essa aprovação não é exaltação do mal, apenas aceitação, sábia aceitação. Camus disse sobre o *amor fati*:

Nenhuma sabedoria atualmente pode pretender dar mais. [...] O homem pode dominar em si tudo aquilo que deve ser dominado. Deve corrigir na criação tudo aquilo que pode ser corrigido. Em seguida, as crianças continuarão a morrer sempre injustamente, mesmo na sociedade perfeita. Em seu maior esforço, o homem só pode propor-se uma diminuição aritmética do sofrimento do mundo. Mas a injustiça e o sofrimento permanecerão e, por mais limitados que sejam, não deixarão de ser um escândalo (Idem, p. 347).

antídoto nietzschiano para o niilismo, o homem que superará o homem, preso em seu niilismo. “*O homem é superável. Que fizestes para o superar?*”, perguntará Zaratustra, mas ele já tem a resposta: a terra precisa de super-homens, pois eles crêem nela, amam-na, não pensam noutra existência. “*O super-homem é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: seja o super-homem, o sentido da terra*” (NIETZSCHE, 2004, p. 25).

Se, em “Zaratustra”, Nietzsche pede fidelidade à terra, em “Humano” ele justificará seu pedido: “*Não há no mundo amor e bondade bastantes, para que ainda possamos dá-los a seres imaginários*” (NIETZSCHE, 2000, p. 99). Já que não temos amor suficiente para oferecer, contemporaneamente, a “seres imaginários” e a seres reais, já que se amarmos uns não amaremos outros, Nietzsche pede que amemos os reais. Se não há o metafísico, nosso sim, nossa adesão só pode ser a este mundo, só pode ser ao que se mostra, ao que está presente.

Antes de tudo, pede-se a valoração do presente e do palpavelmente seguro como positivo, desejável e digno de fomentação. [...] A terra adquire uma significação de realidade positiva frente ao veneno de promessas ultraterrenas que [...] carecem de fundamento e de sentido. A terra é mãe universal que gera, ilumina e recolhe novamente em seu seio. Sob esse conceito, está a totalidade cósmica para Nietzsche [...]. Também lhe atribui um caráter absoluto, pois seu saber pode alcançá-lo<sup>21</sup> (MORENO, 1972, p. 66).

Os desejos e ações só podem dizer respeito à terra – agir e viver *pela* terra. A maior blasfêmia é contra a terra, não contra o céu (Cf. NIETZSCHE, 2004, p. 25). “*A mentira do ideal foi, até agora, a blasfêmia contra a realidade*” (Nietzsche, 2003, p. 16). Nietzsche não desculpa essa mentira. Não há perdão para ela: não foi de um erro indesejado que o “mundo ideal” teve sua origem, foi da fraqueza e Nietzsche odeia espíritos fracos que se sufocam com a verdade. Com as perguntas “*Quanta é a verdade que um espírito suporta, quanta é a verdade que ele ousa?*” (Ibidem, p.17), ele mede um espírito: quanto mais verdade suportar, mais forte e venerável um espírito será.

<sup>21</sup> “Ante todo se pide la valoración de lo presente y lo palpablemente seguro como positivo, deseable y digno de fomentarse. [...] La tierra adquiere una significación de realidad positiva frente al veneno de promesas ultraterrenas que [...] carecen de fundamento y de sentido. La tierra es madre común que engendra, alumbrada y recoge de nuevo en su seno. Bajo este concepto comprende Nietzsche la totalidad cósmica [...] Además le atribuye un carácter absoluto, en cuanto su conocer puede alcanzarlo”. Tradução minha.

dizia, que  *muito* possivelmente elas não fossem, mas isso ele só  *pensou* sussurrando no seu interior, teve medo de  *dizer*. Nasce o homem niilista, que não é simplesmente um ateu, mas o homem que, ao deixar o metafísico, encontra-se apenas com o terreno e não sabe o que fazer com ele, não sabe usá-lo, não sabe viver  *nele*, não sabe crer no que existe porque por tanto tempo só soube crer no que não existe (Cf. CAMUS, 1999, p. 88). “... *não se suporta esse mundo, que já não se pode negar...*” (NIETZSCHE, 1991, p. 161) A religião e a moral que, desde que existem, exercitam nos homens o “desejo de verdade” e dissolvem-no em si mesmas, segundo Nietzsche, causaram a ruína do cristianismo porque os homens começaram a notar a falsificação do mundo: “ *o sentido da veracidade, altamente desenvolvido pelo cristianismo, fica com nojo da falsidade e mendacidade de toda interpretação cristã do mundo e da história*” (NIETZSCHE, 1991, p. 159).

A frase de peso que mesmo quem não leu Nietzsche sabe ser dele, não pode ser entendida senão como a admissão de um fato. Quando escreve em “Assim falou Zaratustra” “ *Deus já morreu*” (NIETZSCHE, 2004, p. 25), o assassinato não ocorre no instante em que a frase é proferida por Nietzsche. Ele já aconteceu e o filósofo só o admite, porque pensa que admitir é a primeira coisa a fazer para que os homens possam conseguir viver nesse vácuo metafísico.

Nietzsche só pensou em função de um apocalipse vindouro, não para exaltá-lo, pois ele adivinhava a face sórdida e calculista que esse apocalipse acabaria assumindo, mas para evitá-lo e transformá-lo em renascimento. Ele reconheceu o niilismo e examinou-o como fato clínico. Dizia-se o primeiro niilista realizado da Europa. [...] Diagnosticou em si mesmo, e nos outros, a impotência de acreditar e o desaparecimento do fundamento primitivo de toda fé, ou seja, a crença na vida (CAMUS, 1999, p. 86).

Para que o renascimento do vácuo seja possível, Nietzsche dirige o niilismo, aceitando o fim do metafísico como fato consumado. Em nenhum instante ele pensará que a liberdade do espírito livre é confortável. Lembra-nos incessantemente da gélida solidão desse homem, da coragem e da força necessárias para viver nas alturas. Em “Assim falou Zaratustra”, o pensador fala de um espírito livre que saberá transformar solidão e ausência de sentido em afirmação da vida e alegria infinita – o super-homem. O super-homem é o

homens de não ouvirem os embusteiros que dizem que virtude deve ser impessoal, que o bom é o desinteressado, Zaratustra gritará um novo imperativo com a nova virtude: *"Esteja o vosso próprio ser na ação como a mãe no filho; seja esta a vossa palavra de virtude!"* (NIETZSCHE, 2004, p. 83)

Deve a virtude ser *nossa criação, nossa defesa e nossa necessidade* mais pessoal: tomada em qualquer outro sentido, não passa de uma armadilha. O que não é uma condição vital é *prejudicial* à vida: uma virtude que provém simplesmente de um sentimento de respeito perante a noção de "virtude", como pretendia Kant, é perigosa. [...] É precisamente o inverso que ordenam as mais profundas leis da conservação e do crescimento: que cada um crie a *sua própria* virtude, o *seu* imperativo categórico. [...] Nada é mais ruinoso que o dever "impessoal" [...] Será possível não encarar o imperativo categórico de Kant como uma *ameaça contra a vida*?... Só o espírito teológico o tomou sob a sua proteção! [...] Haverá por acaso algo que destrua alguém mais rapidamente do que trabalhar, pensar, sentir, sem uma necessidade interior, sem uma escolha profundamente pessoal, *sem prazer*, como autômato do "dever"? (NIETZSCHE, 1994, p. 27-28).

Podemos dizer que Nietzsche entende a religião como uma sala onde as pessoas ficam até serem capazes de passar à sala seguinte – a "sala da verdade". Foi o medo de as pessoas se tornarem definitivamente pessimistas caso passassem à sala da verdade que fez com que milênios inteiros se agarrassem *"com unhas e dentes a uma interpretação religiosa da existência"* (NIETZSCHE, 1992, p. 83), um medo de que o homem conhecesse *"a verdade cedo demais, antes que [...] se tenha tornado suficientemente forte, suficientemente duro, suficientemente artista"* (Ibidem, p. 83). Nietzsche diz que a religião, a "vida em Deus", é fruto desse medo à verdade, mas é *"a mais coerente de todas as falsificações, [...] a vontade de inverter a verdade, a vontade de não-verdade a todo preço"* (Idem, p. 84). Lembrando que para Nietzsche não existe Verdade, neste trabalho este substantivo sempre deve ser entendido como "opinião mais correspondente à realidade", "opinião não falsificada", porque mesmo que o pensador aceite a inexistência da Verdade, ele sabe é que possível ter opiniões mais apuradas sobre as coisas, menos fantasiosas que as religiosas. Voltando a falar do medo à verdade, ele tem muita razão de ser, porque o encontro com a verdade realmente deixaria os fracos pessimistas. O que ocorreu foi que o medo não impediu esse encontro e, como sempre, a verdade emergiu. O homem começou a intuir que talvez as coisas não fossem como a religião

Acima usei “supondo que isso é possível” referindo-me à existência simultânea da noção “Deus” com a afirmação da vida, porque Nietzsche descreve que isso seja possível. Para um religioso é mesmo *impossível*, só não o seria a um agnóstico ou a um teísta dissidente – entendido como quem *apenas* crê em Deus sem estar inserido em alguma religião. Todas as religiões, segundo Nietzsche, são mesmo *negadoras* porque todas prezam a vida metafísica sobre a terrena – podemos aceitar tal afirmação apenas pensando o absurdo que seria uma religião que tivesse os conceitos “Deus” e “além” e que não os entendesse como fim e a vida terrena como caminho, esses conceitos sempre são conceitos de fim, logo, na presença deles, o conceito “vida terrena” só pode ser *caminho* ou teremos uma inferência logicamente inválida – e em todas elas flameja o que ele chamou de “ideal ascético”:

... esse ódio contra o humano, mais ainda contra o animal, mais ainda contra o material, essa repulsa aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, esse anseio por afastar-se de toda aparência, mudança, vir-a-ser, morte, desejo, anseio mesmo [...], uma má-vontade contra a vida, uma rebelião contra os mais fundamentais pressupostos da vida (NIETZSCHE, 1991, p.104).

O “ideal ascético” é apenas a intensificação da “virtude” – a virtude vivida no seu máximo. “Ideal ascético” e “virtude” não são *nossos* ideais, não os escolhemos, são da moral. Para Nietzsche, o que a moral designa por “virtude” é debilitante porque foi a moral que a definiu, logo, virtude é impessoal e incapaz, justamente por ser impessoal, de tornar os homens fortes, mas os enfraquece e desanima porque têm de viver escolhas que não foram suas, viver imperativos universais diferentes dos que sua consciência lhe prescreveria (Cf. NIETZSCHE, 1994, p. 44-45).

Em “Assim falou Zaratustra”, Nietzsche faz seu Zaratustra comparar virtude com mímicas – virtude, da maneira que entendemos, são apenas gestos e ações mimetizados, impessoais, nosso coração e nossa consciência são suprimidos (Cf. NIETZSCHE, 2004, p. 82). Nietzsche encontra outra razão para refutar Kant. Kant defendeu tais imperativos! Ele é “a decadência alemã feita filosofia” (NIETZSCHE, 1994, p. 28) – gritará nosso inconformado filósofo. Ele inventa Zaratustra que sempre lembrará os

ações, a preferência pela comunidade – o rebanho – sobre a pessoa. A moral nietzschiana dá voz à pessoa, à sua consciência, à sua vontade. A *pessoa* deve poder realizar-se, todo movimento ascendente deve ser possível e a comunidade deve saber dissolvê-lo, tolerá-lo, estimá-lo. A *pessoa sobre a comunidade* – a nova moral.

Em “Ecce homo” ele resume sua censura à moral, e mesmo parecendo que detesta com o mesmo ímpeto as noções “Deus”, “além” e “espírito”, não as renega nos contextos em que elas existem simultaneamente com a afirmação da vida – supondo que isso é possível. Nietzsche as renega *num* contexto – o contexto judaico-cristão – e em todos os contextos onde tais noções são usadas para não afirmar a vida. Não renega “Deus” em si ou o “além” em si, mas renega “Deus-como-negador-da-vida”, “além-como-negador-da-vida”.

A descoberta da moral cristã é um acontecimento que não tem igual, uma verdadeira catástrofe. Quem esclarece algo acerca dela é [...] um destino – ela quebra a história da humanidade em dois pedaços. Vive-se antes dele, vive-se depois dele... [...] Tudo o que era chamado de “verdade” até hoje foi reconhecido como a mais nociva, pérfida e subterrânea forma de mentira; o pretexto sagrado de “melhorar” a humanidade foi reconhecido como ardil para **sugar** a própria vida, torná-la anêmica. Moral na condição de **vampirismo**... Quem descobre a moral, descobriu junto o não-valor de todos os valores nos quais se acreditou e ainda se acredita; ele não vê mais nada de venerável nos tipos mais venerados [...] A noção “Deus”, inventada como noção-antítese à vida [...] O conceito “além”, inventado como “mundo verdadeiro” para arrancar o valor ao **único** mundo existente [...] A noção de “alma”, “espírito”, e por fim até a de “alma imortal”, inventada para desprezar o corpo, tomá-lo enfermo – “santo” [...] Ao invés da saúde, a “salvação da alma” [...] A noção “pecado”, inventada junto com o instrumento de tortura correspondente, o conceito “livre-arbítrio”, a fim de confundir os instintos, a fim de fazer da **desconfiança** frente aos instintos uma segunda natureza! Na noção do “ausente-de-si”, do “negador-de-si-mesmo”, a verdadeira marca da *décadence*, a **sedução** do nocivo, a **incapacidade** de encontrar-o-próprio-proveito, a **autodestruição** convertida em signo de valor absoluto, em “obrigação”, em “santidade”, em “divindade” no ser humano! Por fim – e isso é o mais terrível – na noção do homem bom a defesa de tudo aquilo que é fraco, doentio, malgrado, que sofre-de-si-mesmo, de tudo **o que deve ir ao chão** – crucificada a lei da **seleção**, transformada em ideal a oposição ao orgulhoso e bem-sucedido, àquele que diz sim, que está seguro, que dá garantia do futuro – e que a partir de agora se chamará de **o mau**... E tudo isso foi acreditado **como moral!**<sup>20</sup> (NIETZSCHE, 2003, p. 153-154).

<sup>20</sup> Negrito, como no original.

## O AMOR À TERRA E O NOVO MODELO MORAL

“Exorto-vos a permanecer fiéis à terra e a não acreditar  
em quem vos fala de esperanças metafísicas.”

*Nietzsche*

Para entender a filosofia afirmativa de Nietzsche é preciso saber seus fundamentos. Alguns deles são inferências do exame moral e outros não dizem respeito diretamente à moral. Os resultados desse exame solaparam a crença na moral, que surge como algo não-metafísico, mas totalmente humano, ligado à cultura, costumes e tradição. A moral deixa de ser divina e humaniza-se. As coisas deixam de ter um significado em si e passam a ter os significados que os homens definem. Tudo é definido pelos homens, os valores morais o são. O mundo não é moral, não tem desejos ou razão – não podemos humanizar o mundo. Outro fundamento da filosofia afirmativa nietzschiana, de associação menos imediata com a moral, é a exclusão feita pelo pensador de todo o metafísico – Deus e o mundo metafísico – e a consideração apenas pelo que for terreno, físico, humano. A ausência de Deus, em Nietzsche, não é entendida como mal, não há nenhuma tentativa deste pensador para restaurar o divino, existe sim a admissão de que ele não existe e de que tal ausência possibilita um movimento ascendente do homem, possibilita a realização do homem, pois Deus é entendido como “moral” e moral, segundo o alemão, nivela à altura dos cordeiros. Sobre esses fundamentos que poderiam facilmente dar origem a uma construção niilista, Nietzsche consegue construir uma filosofia de sim para a vida e para o mundo, logo, vitalista, não niilista. Transcende o niilismo, passa por ele – pois a realidade que ele encontra é bem niilista – mas não fica nele, faz o ponteiro girar completamente outra vez e o niilismo, de ponto final, passa a ser ponto de partida. Ele é um niilista perfeito – supera o niilismo, despreza as ilusões de um mundo transcendente e diz sim à vida (Cf. NIETZSCHE, 1991, capa).

A moral sugerida por Nietzsche revira justamente o que pensamos ser a essência do que possa ser chamado moral – a universalidade das

pensa que há significados e não significado – porque cada homem deve significar as coisas, inclusive sua vida, segundo seu pensamento; e representa o mundo – alguma representação *sempre* será necessária – sabendo que toda representação, que *sua* representação, foi apenas uma leitura possível de fazer do mundo.

Nietzsche chamou os homens que pensam que o mundo é exatamente como representaram-no de “cognitivamente jovens” (Cf. NIETZSCHE, 2000b, p. 27) – que são praticamente todos, pense nos homens de rebanho. O pensamento científico – o da ausência de sentido – será aceito quando superarem essa infância cognitiva. *“Talvez reconhecemos então que a coisa em si é digna de uma gargalhada homérica: que ela parecia ser [...] tudo, e na realidade está vazia, vazia de significado”* (Ibidem, p. 27). Ressalto que Nietzsche fala de “ausência de significado inerente” e não de “impossibilidade de significado”, separando assim seu pensamento do dos pessimistas como seu filósofo, primeiramente adorado depois deixado, Schopenhauer. Para Nietzsche, dizer que a coisa não tem um significado em si não é o mesmo que dizer que não podemos encontrar um, forjar um – é para isso que está sua filosofia afirmativa da vida. Um espírito livre aceitará que o mundo não é um fenômeno moral, que não é bom ou mau, que é representação e, que justamente por o ser, os homens devem escolher representações mais nobres, que afirmem esta vida, que amem a terra, não o suspeito mundo metafísico. *“Quando Nietzsche escreve em seu Nascimento da Tragédia, ‘Apenas como um fenômeno estético o mundo pode ser justificado’, podemos supor que ele está (dissimuladamente) falando sobre as paixões e como nós nos sentimos a respeito da vida”*<sup>19</sup> (SOLOMON, 2003, p. 70).

---

<sup>19</sup> “When Nietzsche writes in his *Birth of Tragedy*, ‘Only as an aesthetic phenomenon is the world justified’, we may surmise that he is (obliquely) talking about the passions and how we feel about life”. Tradução minha.

As emoções [...] são entendidas não como “sentimentos internos” pressionados para “sair”, o “inimigo interno” [...], mas como fenômenos naturais, biológicos, [...] não está apenas “na mente”, portanto “expressada” no comportamento corporal. Uma emoção não é diferente de sua expressão, o que não quer dizer [...] que só existe expressão. Assim, também, uma emoção não é mais que sua “fisiologia” [...], o que não quer dizer que só existe fisiologia<sup>18</sup> (SOLOMON, 2003, p. 73).

Ao escrever que cordeiros são fracos e que espíritos livres são fortes, Nietzsche quis dizer exatamente o que entendemos por fraqueza e força vitais. Neste caso, não devemos pôr os substantivos “fraqueza” e “força” sob acepções conotativas, mas denotativas. A tese nietzschiana das duas fisiologias humanas – a débil e a forte – identificadas, respectivamente, com o homem de rebanho e com o espírito livre, reside nas diferentes paixões experimentadas por estes dois tipos humanos. Segundo o filósofo, o ressentimento, por exemplo, não tem lugar na fisiologia do espírito livre, do mesmo modo que o orgulho de si é inexistente na fisiologia do cordeiro.

É possível afirmar que a visão de mundo do espírito livre é definida por dois episódios que ele aceita como consumados, mas tentará superá-los e renascer deles – a morte de Deus e o niilismo – dois assuntos decisivos em Nietzsche, suprimidos nesse momento. Receberão atenção no último capítulo. Neste, são usados apenas para possibilitar o entendimento do *modus vivendi* do espírito livre. Sem Deus e sem a valoração moral que este representa, surgem as valorações conscientes e o mundo sem significado inerente, metafísico e fixado por Deus. Um significado assim é incompatível com a natureza racional e científica do espírito livre, por ser resultado de paixão, erro e auto-ilusão e não dos melhores métodos cognitivos (Cf. NIETZSCHE, 2000b, p. 20). Apenas o homem moral pode aceitá-lo porque “*pressupõe que aquilo que está essencialmente em seu coração deve ser também a essência e o coração das coisas*” (NIETZSCHE, 2000b, p. 18). Este homem não apenas pensa que o mundo possui um significado inerente, mas também que o significado é idêntico à maneira que seu coração *representa* o mundo. Já o espírito livre descrê em todo significado moral ou metafísico para o mundo;

<sup>18</sup> “The emotions [...] are interpreted not as ‘inner feelings’ pressing to ‘get out’, the ‘internal enemy’ [...], but as natural, biological phenomena, [...] is not just ‘in the mind’, and then ‘expressed’ in bodily behavior. An emotion is nothing other than its expression, but this is not to say [...] that there is *only* expression. So, too, an emotion is no more than its ‘physiology’ [...], but this is not to say that there is *only* physiology.” Tradução minha.

*inevitável*” (NIETZSCHE, 1991, p. 82). Se ressentimento é incomum entre naturezas fortes, é devido, segundo Nietzsche, à facilidade que têm de esquecer, não levar a sério seus inimigos com seus malefícios. A atitude de tais homens é sacudir “*de si, de um só safanão, muitos vermes que nos outros se enterram*” (Ibidem, p. 83). Este pensamento é conduzido por Nietzsche a um brilhante remate: “*e também somente aqui [entre os homens fortes] é possível, suposto que em geral seja possível sobre a terra – o ‘amor a seus inimigos’*” (Ibidem, p. 83).

O incomum pensamento de Nietzsche sobre as paixões era oposto ao do cristianismo e mesmo ao pensamento habitual dos filósofos como Sócrates e Kant, por exemplo. O filósofo alemão atribuiu, diferentemente do cristianismo e do pensamento filosófico comum, decisiva importância às paixões na definição do caráter humano, da moral e da cultura – geralmente a razão ocupou este lugar. Devo notar que essa impetuosa defesa das paixões traz consigo um paradoxo – Nietzsche, apesar de filósofo, passa a ser um tipo de filósofo “anti-filosofia” porque, “*geralmente, filosofia sempre foi assunto da razão, e as emoções são consideradas estranhas senão inimigas da razão*”<sup>15</sup> (SOLOMON, 2003, p. 70) – convicção que se deve em parte à tese kantiana de que ética e moral só dizem respeito à razão.

Refutando o racionalismo mesmo, em sua defesa das paixões, Nietzsche sustenta que é falso falar de “natureza humana” sem falar de emoções, de paixões, como esta corrente filosófica o faz. Em sua ousada defesa, é a razão que recebe menos importância na definição da natureza humana que passa a ser definida, principalmente, por suas características paixões. Nietzsche não aplaudirá todas as emoções. Ficamos sabendo disso ao ler sobre seu ódio às paixões identificadas com os homens de rebanho, como o ressentimento, a autocomiseração, o desejo de vingança irrealizado. “*Se algumas emoções são nocivas e debilitantes [...], outras são saudáveis e fortificantes*”<sup>16</sup> (Ibidem, p. 74). São estas que receberão seus aplausos, as paixões dos homens nobres, “*aquelas paixões que fazem (ou poderiam fazer) a vida de qualquer um mais rica e mais interessante*”<sup>17</sup> (SOLOMON, 2003, p. 72).

<sup>15</sup> “for the most part, philosophy has always been the business of reason, and emotions have been considered alien if not enemies to reason”. Tradução minha.

<sup>16</sup> “If some emotions are unhealthy and debilitating [...], others are healthy and invigorating”. Tradução minha.

<sup>17</sup> “those passions that make (or could make) everyone’s life richer and more worthwhile”. Tradução minha.

[...] Você deve aprender a perceber o que há de perspectiva em cada valoração [...]; também o quê de estupidez que há na oposição de valores [...]. Você deve sobretudo ver com seus olhos onde a injustiça é maior: ali onde a vida se desenvolveu ao mínimo, do modo mais estreito, carente, incipiente, e no entanto não pode deixar de se considerar fim e medida das coisas e em nome de sua preservação despedaçar e questionar o que for mais elevado, maior e mais rico, secreta e mesquinamente, incessantemente (NIETZSCHE, 2000b, p. 13).

O espírito livre não odeia os homens de rebanho, sente compaixão por eles, por eles serem aviltados pela moral e pela religião, por eles dizerem “meu dever”, “minha moral”, “minha honra” pensando que seu etos não foi extinto. Eles são “a vida que se desenvolveu ao mínimo”, mas vida que deseja se preservar como todas e que só pode o fazer lutando contra outras vidas mais elevadas. O espírito livre entende essa lei, esse “desejar se preservar”, censura apenas o *modus vivendi* do homem de rebanho, censura sua emoção dominante – o ressentimento – que é incapaz de efetivar a sublimação deste homem porque, no ressentimento, o homem olha para o que é elevado desejando rebaixá-lo, não desejando se elevar.

O ressentimento é geralmente dirigido *contra* os outros [...], mas diferentemente do ódio e do desprezo, por exemplo, age a partir de uma perspectiva definida de *inferioridade*. Antes de preferir responsabilizar o homem por sua posição inferior, o ressentimento sempre lança a responsabilidade para cima de outras pessoas (ou grupos ou instituições). [...] é uma emoção que não promove a excelência pessoal, mas prefere permanecer na estratégia competitiva, opondo-se aos outros<sup>13</sup> (SOLOMON, 2003, p. 90, 92).

A diferença entre o espírito livre – o homem nobre – e o homem de rebanho não é a ocorrência do ressentimento, como podemos pensar, “*mas sua disposição e vicissitudes. Um caráter forte pode experimentar o ressentimento, mas imediatamente o descarrega em ação; não se ‘envenena’ com ele*”<sup>14</sup> (*Ibidem*, p.109) porque, “*quando aparece nele, cumpre-se e esgota-se, com efeito, em uma reação de imediato, [...] por outro lado, não aparece em inúmeros casos em que, em todos os fracos e impotentes, é*

<sup>13</sup> “Resentment is most obviously directed *against* others [...], but unlike hatred and contempt, for instance, it does so from a marked perspective of *inferiority*. Rather than taking responsibility for one’s own inferior position, resentment always projects the responsibility onto other people (or groups or institutions). [...] is an emotion that does not promote personal excellence but rather dwells on competitive strategy and thwarting others.” Tradução minha.

<sup>14</sup> “but its disposition and vicissitudes. A strong character may experience resentment but immediately discharges it in action; it does not ‘poison’ him”. Tradução minha.

como para mim, em forma de espectros e sombras de um eremita: disso serei o último a duvidar” (NIETZSCHE, 2000b, p. 9).

Segundo Nietzsche (2000b, p. 9-10), o espírito livre não nasce de algum espírito supremo, logo, todos podem ser um. O espírito livre sim é supremo, não o espírito que o engendrou. O surgimento do espírito livre ocorre após uma grande e estrondosa liberação, mas até que isso ocorra, o espírito foi acorrentado aos valores instituídos, respeitou, reverenciou, rebaixou.

A grande liberação [...] vem súbita como um tremor de terra: a jovem alma é sacudida, arrebatada, arrancada de um golpe – ela própria não entende o que se passa. Um ímpeto ou impulso a governa e domina; uma vontade, um anseio se agita, de ir adiante, aonde for, a todo custo; uma veemente e perigosa curiosidade por um mundo indescoberto flameja e lhe inflama os sentidos. “Melhor morrer do que viver *aqui*” – é o que diz a voz e sedução imperiosa: e esse “aqui”, esse “em casa” é tudo o que ela amara até então! Um súbito horror e suspeita daquilo que amava, um clarão de desprezo pelo que chamava “dever”, [...] talvez um gesto e um olhar profanador *para trás*, para onde até então amava e adorava, talvez um rubor de vergonha pelo que acabava de fazer, e ao mesmo tempo uma alegria por fazê-lo, um ébrio, íntimo, alegre tremor, no qual se revela uma vitória – uma vitória? Sobre o quê? Sobre quem? Enigmática, plena de questões, questionável, mas a *primeira* vitória (Ibidem, p. 9-10).

A grande liberação não ocorre sem causar um torvelinho e confusão de pensamentos, ao menos no começo, quando tudo em seu interior está escuro – tal confusão ocorre devido à já falada necessidade de obedecer, necessidade de ser animal de rebanho e não porque o nascente espírito livre esteja incerto de que seus novos pensamentos sejam mais corretos. Ele sabe, sente, intui que são mais corretos, é por isso que deixar a casa que adorava é uma vitória, que não é sobre alguma coisa ou alguém, mas um movimento ascendente. Só muito depois o sabor saudoso de sua solidão transformar-se-á no sabor fresco das alturas. É aqui que as perguntas “por que tão sozinho?”, “por que renunciei a tudo o que venerei?” (Ibidem, p. 12) são corajosamente respondidas.

Você deve tomar-se senhor de si mesmo, senhor também de suas próprias virtudes. Antes eram *elas* os senhores; mas não podem ser mais que seus instrumentos, ao lado de outros instrumentos.

“espírito livre” – porque desejava pintar para si e seus leitores seu auto-retrato expressionista como homem forte. Ele foi um espírito livre e sempre que escreveu sobre esse homem narrou sentimentos e pensamentos experimentados por si mesmo. Portanto, toda vez que ele falou sobre o espírito livre, falou de si, resultando em pinturas sempre afetadas, apaixonadas. Na minha opinião, a pintura que possui beleza e deserção em tons sufocantes é o aforismo 638 de “Humano”:

*O andarilho* – Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem. Sem dúvida esse homem conhecerá noites ruins, em que estará cansado e encontrará fechado o portão da cidade que lhe deveria oferecer repouso; além disso, talvez o deserto, como no Oriente, chegue até o portão, animais de rapina uivem ao longe e também perto, um vento forte se levante, bandidos lhe roubem os animais de carga. Sentirá então cair a noite terrível, como um segundo deserto sobre o deserto, e o seu coração se cansará de andar. Quando surgir então para ele o sol matinal, ardente como uma divindade da ira, quando para ele se abrir a cidade, verá talvez, nos rostos que nela vivem, ainda mais deserto, sujeira, ilusão, insegurança do que no outro lado do portão – e o dia será quase pior do que a noite. Isso bem pode acontecer ao andarilho; mas depois virão, como recompensa, as venturosas manhãs de outras paragens e outros dias, quando já no alvorecer verá, na neblina dos montes, os bandos de musas passarem dançando ao seu lado, quando mais tarde, no equilíbrio de sua alma matutina, em quieto passeio entre as árvores, das copas e das folhagens lhe cairão somente coisas boas e claras, presentes daqueles espíritos livres que estão em casa na montanha, na floresta, na solidão, e que, como ele, em sua maneira ora feliz ora meditativa, são andarilhos e filósofos. Nascidos dos mistérios da alvorada, eles ponderam como é possível que o dia, entre o décimo e o décimo segundo toque do sino, tenha um semblante assim puro, assim tão luminoso, tão sereno-transfigurado: – eles buscam a *filosofia da manhã* (NIETZSCHE, 2000b, p. 306).

No prefácio de “Humano”, ele confessa que “inventou” os espíritos livres para lenir sua solidão, *“uma compensação para os amigos que faltam”* (*Ibidem*, p. 9). Mas é para eles, mesmo inventados, que *“é dedicado este livro melancólico-brioso”* (*Ibidem*, p.8), o que mostra que Nietzsche realmente desejava a existência destes homens, suspeitava-na. *“Que um dia poderão existir tais espíritos livres, [...] em carne e osso e palpáveis, e não apenas,*

Dez anos antes, em 1878, quando escreveu “Humano, demasiado humano”, Nietzsche nem mesmo pensava que espíritos livres existissem porque são espíritos que sabem ser felizes com a solidão que sempre os cercará, mas o filósofo notou que em seu tempo os homens se asfixiavam com ela. No prefácio de “Aurora”, numa passagem de gélida tristeza, Nietzsche sugere que os espíritos livres são sozinhos porque escolhem *seus* caminhos, não seguem respeitosa e escolhas de outros homens, não seguem as ordens da tradição, não seguem os costumes. O pensador fala dele mesmo como espírito livre:

Não creiam que eu venha exortá-los [...] à mesma solidão! Pois quem perfaz esses caminhos próprios não encontra ninguém [...]. Ninguém aparece para ajudá-lo; tem de lidar sozinho com tudo o que se lhe depara de perigo, de acaso, de maldade e mau tempo. Pois ele tem o seu caminho *para si* – e, como é justo, seu amargor, seu ocasional dissabor com esse “para si”: o qual inclui, por exemplo, saber que nem seus amigos podem imaginar onde ele está e para onde vai, que às vezes perguntarão a si mesmos: “o quê? ele prossegue? ainda tem um caminho?” (NIETZSCHE, 2000a, p. 10).

No capítulo dois de “Além do bem e do mal”, “O espírito livre”, Nietzsche ressalta a fisiologia forte e o espírito corajoso desse tipo de homem. Mas ele sempre os ressaltou em todas as passagens de seus livros onde escreveu sobre seu tipo humano preferido. Explícita ou sutilmente, Nietzsche sempre fez seus leitores associarem “força” e “coragem” com “espírito livre”. A associação está explícita nas seguintes passagens de “Além do bem e do mal”:

Independência é algo para bem poucos: – é prerrogativa dos fortes. E quem procura ser independente sem ter a *obrigação* disso, ainda que com todo o direito, demonstra que provavelmente é não apenas forte, mas temerário além de qualquer medida. Ele penetra num labirinto, multiplica mil vezes os perigos que o viver já traz consigo. [...] Existem alturas da alma, de onde mesmo a tragédia deixa de ser trágica. [...] O que serve de alimento ou de bálsamo para o tipo superior de homem, deve ser quase veneno para um tipo bem diverso e menor (NIETZSCHE, 1992, p. 36-37).

Penso que talvez inconscientemente Nietzsche sempre sugeriu, ou fez ele mesmo, a associação entre os três conceitos – “força”, “coragem” e

filósofo adorava circunscrever e apresentar ele mesmo e seus conceitos para os leitores. E ninguém melhor que ele para fazer isso!

É chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. Ele é a exceção, os espíritos cativos são a regra [...]. No conhecimento da verdade o que importa é *possuí-la*, e não o impulso que nos fez buscá-la nem o caminho pelo qual foi achada. Se os espíritos livres estão certos, então aqueles cativos estão errados, pouco interessando se os primeiros chegaram à verdade pela imoralidade e os outros se apegaram à inverdade por moralidade. – De resto, não é próprio da essência do espírito livre ter opiniões mais corretas, mas sim ter se libertado da tradição, com felicidade ou com um fracasso. Normalmente, porém, ele terá a seu lado a verdade, ou pelo menos o espírito da busca da verdade: ele exige razões; os outros, fé (NIETZSCHE, 2000b, p. 157).

Nesta definição de espírito livre, Nietzsche primeiro usa o nome “verdade”, depois usa “opiniões mais corretas”. Na realidade, como ele não pensa que exista verdade, mesmo quando usa este nome, é como “opiniões mais corretas” que devemos lê-lo. Também é interessante notar na definição que, mesmo que não sejam as “opiniões mais corretas” que façam um espírito livre, ele normalmente será o homem que as tem, por ser pesquisador, inquiridor, científico, racional e não um homem de fé, como o homem de rebanho.

No prefácio de “O anticristo”, Nietzsche diz que seus leitores são os espíritos livres – ele usou a expressão “homens mais raros” (Cf. NIETZSCHE, 2003, p.37) – e prossegue fornecendo os quesitos destes homens, intensificando o truísmo que é dizer que eles não são homens de rebanho:

é preciso ser íntegro nas coisas de espírito até às últimas conseqüências; estar acostumado a viver nas montanhas, a ver abaixo de si o mesquinho charlatanismo atual da política e do egoísmo dos povos; e, finalmente, ter-se tornado indiferente e jamais perguntar se a verdade é útil, se chegará a ser uma fatalidade... Necessária é também uma inclinação para enfrentar questões que hoje ninguém se atreve a elucidar; [...] Uma consciência nova para verdades que até hoje permaneceram mudas. [...] reunir a sua própria força, o seu próprio entusiasmo... O respeito por si mesmo, o amor-próprio, a liberdade absoluta para consigo... (Ibidem, p. 37).

## QUEM SÃO OS ESPÍRITOS LIVRES, SEU *MODUS VIVENDI* E SUA INTERPRETAÇÃO DO MUNDO

“Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra.”  
Nietzsche

Já sabemos como é o homem de rebanho, seu modo de entender o mundo, de viver e pensar. Sabemos também que o homem de rebanho é o homem usual. É fácil deduzir que, para Nietzsche, o espírito livre é um oposto do homem de rebanho. Este último aceitará tradição e autoridade, recusará sua consciência para sujeitar-se a ambas, afirmará que verdade é apenas o que faz feliz e é prazeroso. O primeiro será corajoso e aceitará que verdade não é o que faz feliz, mas também não é o que faz triste, mas o que sua consciência sentir que for. Para este homem, sua consciência será muito importante. Tradição e autoridade serão meras palavras que não incitarão respeito ou reverência.

*“O homem livre é não-moral, porque em tudo quer depender de si, não de uma tradição: em todos os estados originais da humanidade, ‘mau’ significa o mesmo que ‘individual’, ‘livre’, ‘arbitrário’, ‘inusitado’, ‘inaudito’, ‘imprevisível’”* (NIETZSCHE, 2000a, p. 17).

Nascemos num mundo em que todas as valorações já foram feitas, bem e mal já foram definidos e a moralidade já foi instituída. Neste mundo onde há um lençol moral sobre todas as coisas e fenômenos, a coisa mesma, o fenômeno mesmo, estão ocultos e o homem que hoje os vê não foi o mesmo que os cobriu com o lençol moral. Se este homem deseja enxergar mais que a silhueta das coisas, tem de levantar o lençol que outros puseram e agir *conscientemente* sobre elas, valorando-as do modo que ele pensar ser justo. Este homem que levanta o lençol é o espírito livre.

Em “Humano, demasiado humano”, Nietzsche circunscreveu seu conceito “espírito livre” e em “Ecce homo” dirá que *“em nenhum outro sentido a palavra ‘espírito livre’ quer ser entendida: um espírito que se tornou livre, que voltou a tomar posse de si mesmo”* (NIETZSCHE, 2003, p. 96). E lembrando que “Ecce homo” é sua autobiografia, posso dizer que nosso

II

OS ESPÍRITOS LIVRES

afirmadas (Cf. NIETZSCHE, 2000b, p. 89) – como pode haver verdade, se há diferentes religiões e todas dizem possui-la? Segundo Nietzsche o que há são opiniões e a pretensão de quem deseja que existam apenas suas opiniões é no mínimo tola (Ibidem, p. 254). Mas isso é o que faz religião e moral – desejar existentes apenas *suas* opiniões sobre as coisas.

Mesmo que o que existam para Nietzsche sejam só opiniões, algumas são mais apuradas que outras, interpretam o mundo imparcialmente, estão mais próximas da realidade – não é o caso da religião, por este motivo também ele a rejeitou. Saber que não há verdade não fê-lo amante da mentira – representada pela religião – mas fê-lo preferir, entre as opiniões, as mais apuradas, tendo a sensatez de aceitar que são *apenas* “opiniões mais apuradas”.

que me causa dores horríveis e só há dois modos de resolver essa dor: posso me anestésias, o que me será muito bom – suprimirá a dor que sinto, desde que esteja sob o anestésico – ou posso arrancar o dente – a causa da dor. A religião age suprimindo a dor com anestesia e não com extinção da causa, não resolve os infortúnios do homem, não suprime suas causas, mas apenas transforma os efeitos que os infortúnios causam na sensibilidade humana, apenas oferece uma interpretação que faz o infortúnio se passar por um bem,

cuja utilidade talvez se torne visível depois. [...] alterando nosso juízo sobre os acontecimentos (por exemplo, com ajuda da frase: 'Deus castiga a quem ama') [...] Quando mais alguém se inclina a reinterpretar e ajustar, tanto menos pode perceber e suprimir as causas do infortúnio; o alívio e a anestesia momentâneos, tal como se faz na dor de dente, por exemplo, bastam-lhe mesmo nos sofrimentos mais graves. Quanto mais diminuir o império das religiões e de todas as artes da narcose, tanto mais os homens se preocuparão em realmente eliminar os males (NIETZSCHE, 2000b, p. 85).

Em “O homem revoltado”, Camus lembra que Nietzsche, fazendo sua lista das causas do niilismo, insere algumas que são consideradas justamente *mitigadoras* do niilismo, como a religião e a moral. “*Principalmente a moral. [...] Ela quer substituir o homem de carne e osso por um reflexo de homem. Ela condena o universo das paixões e dos gritos em nome de um mundo harmonioso, totalmente imaginário. [...] A moral não tem fé no mundo*” (CAMUS, 1999, p. 88). O niilismo também não.

Religião, moral e metafísica, para Nietzsche são praticamente a mesma coisa no que diz respeito a seus pensamentos sobre a “verdade”, todas têm o “desejo de verdade”. Forjaram este desejo e são elas mesmas a satisfação dele. Neste assunto, Nietzsche também tem uma opinião sagaz e lúcida – não existe verdade! (Cf. SOLOMON, 2003, p. 24) Mas a religião, a moral e a metafísica não só dizem que existe, mas que são elas a verdade. O pensador alemão censura esta pretensão por muitos motivos: como já foi dito, porque a verdade não existe mesmo, porque a verdade da religião *sempre* tem de ser prazerosa – o que for prazeroso será a verdade, “*uma opinião atormentada, agitada, portanto é falsa*” (NIETZSCHE, 2000b, p. 37) – e porque não há consenso entre os pensamentos religiosos – mesmo se houvesse, “consenso” não diz que existe verdade, é apenas oposição às coisas

dizer que foi “Deus que o quis”, mas com a afirmação indispensável de que “há um sentido subjacente que não sabemos” ou diz-se que este caso e todos os casos horrendos não são conduzidos por Deus.

Para Nietzsche, este Deus único, pela proximidade com seu povo e por interagir apenas com ele, afastou-se do “verdadeiramente divino” dos deuses do politeísmo, pois como Deus único de um povo, “*oferece-se como objeto exclusivo de culto, cuja representação entre os homens se faz necessariamente de modo excessivamente antropomórfico*”<sup>12</sup> (MORENO, 1972, p. 120).

Os livros de Nietzsche têm muitas páginas onde ele ressalta essa absurdidade e incoerência da concepção de Deus. Podemos pensar que ele faz isso de modo muito mordaz, principalmente em “O anticristo”, mas sei que agiu assim menos por maldade que por lucidez. Foi lógico e *espontâneo* que ele enxergasse tal absurdidade, que fosse um ateu, como em “Ecce homo” justifica:

“Deus”, “imortalidade da alma”, “salvação”, “além” são conceitos para os quais nunca dediquei atenção, nem mesmo tempo, inclusive quando era criança – talvez eu jamais tenha sido criança o suficiente para tanto... Estou longe de conhecer o ateísmo na condição de resultado, menos ainda como acontecimento: em mim ele é compreensível na qualidade de instinto. Eu sou curioso por demais, **questionável** por demais, animado por demais para poder aceitar uma resposta esbofeteada. Deus é uma resposta esbofeteada e grosseira, uma indelicadeza contra nós, os pensadores – no fundo apenas uma proibição esbofeteada e grosseira contra nós: vós não deveis pensar! (NIETZSCHE, 2003, p. 43-44).

Segundo o anticristo, enxergar a absurdidade da concepção cristã de Deus é possível com o menor esforço do espírito, um pouco de decência já é suficiente para admiti-la (Cf. NIETZSCHE, 1994, p.101), “*uma aproximação ao cristianismo [...] já não é possível [...] sem manchar irremediavelmente nossa consciência intelectual e abandoná-la diante de nós mesmos e dos outros*” (NIETZSCHE, 2000b, p. 87).

O seguinte caso facilitará o entendimento sobre como a religião age segundo Nietzsche: tenho um dente com uma cárie muito desenvolvida

<sup>12</sup> “Se ofrece como objeto exclusivo de culto, cuya representación entre los hombres se hace necesariamente en modo antropomórfico excesivo”. Tradução minha.

transcende muito. Por instintos e comportamentos próximos dos animais, refiro-me à espontaneidade com que eles vivem, o modo sincero com que manifestam seus desejos, seus ódios. O ponto, como eu disse, não é *apenas* que a moral condena o comportamento dos exemplares de nossa espécie que são, digamos, mais lúbricos. Ela censura a ação, mas censura também o *pensamento mesmo* de que somos ou de que só somos no fundo e na verdade... animais! Portanto, a segunda missão da moral, depois de humanizar o mundo, será transformar o homem numa espécie de ser divino, distante da natureza, porque todas as fórmulas morais fazem-no crer que ele é melhor que todos os animais, que ele *naturalmente* é melhor que todos os animais porque é um animal moral. Como seu raciocínio geralmente não é bom, é incapaz de sondar dentro de si até atingir os motivos não-morais para seu seguimento das fórmulas morais. A moral transforma o homem num animal especial e supremo e designá-lo como “animal” passa a ser um desacato, algo verdadeiramente indecente. “*É precisamente enquanto animais domésticos que somos um espetáculo escandaloso e necessitamos da fantasia moral*” (NIETZSCHE, 1986, p. 179).

O fundamento desse mundo humanizado do homem moral, o fundamento de seu mundo com desígnio, fins e vontades é o Deus cristão. Aceitando que o homem moral é metafísico, quando ele afirma que o mundo tem fins, devemos entender que ele disse não que o mundo tem fins que o próprio mundo fixou para si – pois isso seria blasfêmia para o homem moral – mas que há um Deus que fixou seus fins. O fundamento do erro moral da significação do mundo é o erro do Deus pessoal – um mundo com desígnio e fins exige um Deus pessoal que fixe tal desígnio e tais fins. O Deus cristão é muito difícil de entender, é um deus-pai, um Deus entendido como um “homem muito bom” – cada cristão terá sua própria medida para “homem muito bom” – mas que não é totalmente bom porque tem sentimentos humanos: ira, ódio, desejo de castigar, desilusão; apesar de sua pessoalidade, Deus é onipresente e invisível; é um Deus transcendente, mas que parece viver no mundo, porque é ele quem conduz tudo por aqui, tudo mesmo: de folhas de árvore e fios de cabelo que caem à morte de todos os seres vivos, homem incluso. Quando há algo horrendo demais como, por exemplo, uma criança que morre assassinada, hesita-se um pouco antes de

Segundo Nietzsche (1994, p. 32), como “no cristianismo, nem a moral nem a religião estão em contacto com a realidade”, mas apenas com imaginação – ilusão, este exercício de falsear, desprezar e negar a realidade imprimiu nos cristãos “um profundo mal-estar perante o real” (Ibidem, p.33). Um mal-estar experimentado pelo homem moral, pelo homem da moral judaico-cristã, porque foi habituado, exercitado para entender o mundo, o real, como um ser vivo, como o homem – mundo como possuidor de vontades, como organismo moral, como inteligência – e os fenômenos que ocorrem no mundo como “bons” ou “maus” – conceitos que só existem entre os homens, únicos seres capazes de valorações, portanto, conceitos que não devem ou não deveriam se referir ao mundo, mas somente aos homens. O homem e o que ele faz pode ser julgado como bom ou mau – mas estamos no âmbito das valorações e, assim, mesmo esse julgamento está longe de ser um consenso, pois é feito diferentemente pelos muitos homens – já o mundo não é bom nem mau.

Guardemo-nos de repreendê-lo pela dureza ou pela desrazão ou ainda pelo contrário. Não é perfeito, nem belo, nem nobre, nem quer se tornar nada disso, não tende a imitar o homem! Não é tocado por nenhum de nossos juízos estéticos e morais. Não possui instinto de conservação e, de modo geral, nenhum instinto [...]. Quando souberdes que inexistem fins sabereis igualmente que inexistem acasos; pois unicamente sob um mundo de fins é que a palavra “acaso” toma sentido. [...] Quando teremos despojado dos atributos divinos a natureza? Quando teremos direito, nós homens, de nos tomarmos naturais, com a natureza pura, reencontrada, liberada? (NIETZSCHE, 1986, p. 95).

Para Nietzsche, possivelmente, os dois erros mais censuráveis da moral são humanizar o mundo e desnaturalizar o homem. Ele tinha uma repulsa intensa a esses dois aspectos da moral. O homem desnaturalizado é filho da moral – o “homem moral” – o homem que está envolvido por fórmulas morais e noções de conveniência, que tem seus atos complacentemente ocultos sob as idéias de dever, de virtude, de espírito cívico, de honorabilidade, de desinteresse (Ibidem, p. 179). Nietzsche diz que a moral parece entender os instintos e os comportamentos que nos aproximam de nossos parentes animais como indecorosos. Não pense aqui que estou falando do instinto sexual, o ponto nem é esse, ou é também este, mas o

O “pecado”... a idéia de culpabilidade [...], toda a “ordem moral” foram inventados *contra* a ciência. [...] O homem [...] não deve ver as coisas com razão e prudência, como aprendiz, não deve ver absolutamente nada: deve *sofrer*... E *deve* sofrer de modo que tenha sempre necessidade do sacerdote. [...] A idéia de falta e de castigo, compreendia nela a doutrina da “graça”, da “salvação”, do “perdão” [...], foram inventadas para destruir no homem o *sentido das causas*: são o atentado contra a idéia de causa e efeito. [...] Se as conseqüências naturais de um acto não são mais naturais, senão que se imaginaram provocadas por fantasmas da superstição, por “Deus”, “espíritos”, “almas”, como conseqüências puramente “mortais” como recompensa, pena, advertência, meio de educação, é que a condição primária do conhecimento está destruída, *é que se cometeu o maior crime contra a humanidade* (NIETZSCHE, 1994, p. 94-95).

Como ótimo psicólogo que foi, Nietzsche não pôde deixar de estudar zelosamente as noções de “pecado”, “culpa” e “castigo”, principalmente nos livros “Humano, demasiado humano” e “Para a genealogia da moral”. Este último tem todo seu segundo capítulo, sob o título “‘Culpa’, ‘má consciência’ e companhia”, tratando das noções acima. Segundo o pensador alemão, as pessoas só se sentem “pecadoras” e “culpadas” dentro das “religiões pessimistas” – o jeito nietzschiano de se referir às religiões que, como o cristianismo principalmente, vêem o homem como débil, que *desejam-no* débil e impotente – religiões que proibiram, arrenegaram tudo o que indiciasse natureza e fundaram o “*sofrimento pelo que é natural*” (NIETZSCHE, 2000b, p. 109) que, como acusou Nietzsche, é totalmente infundado porque não passa do resultado de opiniões sobre as coisas, não passa das opiniões que tais religiões pessimistas têm sobre as coisas. Logicamente, a instituição do “sofrimento pelo que é natural” foi um sucesso porque o homem sempre reincide no natural – ele “*não pode se despir do hábito da natureza*” (Ibidem, p.110) e porque as teses morais dos documentos do cristianismo exigem comportamentos tão cãndidos “*de modo que o homem não possa satisfazê-los*” (Idem, 2000b, p. 110). Assim, as religiões respondem também o porquê de sua importância – o homem tem necessidade de redenção, ele é débil e impotente. O que há de irônico nisso é o que Nietzsche, e possivelmente ninguém mais, nos faz notar – primeiro a religião tem de ferir para depois poder medicar (NIETZSCHE, 1991, p. 96). Assim, as religiões apenas curam a ferida que elas mesmas causaram.

Especialmente no cristianismo, existe a tendência de sentir-se pecador. [...] É espantoso que o ser humano se considere mais negro e pior do que realmente é. [...] O cristianismo foi originalmente uma religião de pessoas que viviam em miséria e opressão, que não eram nobres e por isso não pensavam em si mesmas como seres nobres, uma religião de pouca auto-estima. O cristianismo mergulhava os seres humanos definitivamente na lama profunda [...] na qual já estavam enfiados (SAFRANSKI, 2001, p. 176).

É a religião que agitou o frasco das valorações morais dos nobres – a moral nobre foi a moral dos gregos pré-socráticos, mas alguns sinais seus existiram até o surgimento do cristianismo – e as coisas se misturaram desde então. Muito do que tinha sido por eles coroado passou a ser mau e condenável – numa palavra, passou a ser mau tudo o que presumisse as palavras “ascendência” e “força”.

Na minha “*Genealogie der Moral*” expus, pela primeira vez, psicologicamente, a antinomia entre uma moral *nobre* e uma moral de *ressentiment*, originada a última pelo *não* pronunciado contra a primeira: eis a moral judaico-cristã por inteiro. Para poder dizer “*não*” a tudo o que representa o movimento *ascendente* da vida sobre a terra, o crescimento, o poder, a beleza, a auto-afirmação, era necessário que o instinto de *ressentiment* convertido em gênio fabricasse para si próprio um outro mundo, onde essa *afirmação da vida* fosse considerada o mal, o reprovável por si (NIETZSCHE, 1994, p. 48).

Começou o ódio “*contra o orgulho, a coragem, a liberdade, a libertinage do espírito; [...] o ódio contra os sentidos, contra a alegria dos sentidos, contra a alegria em geral*” (Ibidem, p. 42-43) e, antes de tudo e principalmente, contra a ciência. “*A ciência é a coisa proibida em si, [...] é o primeiro pecado, o germe de todo o pecado, o pecado original. A moral é só isto: ‘Tu não conhecerás nada’*” (Ibidem, p. 93) e a Igreja, segundo o anticristo, é o meio que a moral arranjou para este fim.

O lençol moral que o cristianismo pousou sobre o mundo não apenas faz os homens vê-lo segundo a *perspectiva* da moral cristã, mas faz não verem o mundo nu, real, amoral, científico, isento de opinião cristã – mais de dois mil anos de exercício já fizeram os homens se esquecerem que este mundo existe por baixo do lençol. Por ter consciência disso, Nietzsche constantemente ressalta a necessidade de rejeitarmos tanto a “*concepção do mundo que o invectiva como daquela que o glorifica*” (NIETZSCHE, 2000b, p. 36).

título corrigido seria “anticristianismo”. E Nietzsche irá opor-se a esta religião certo de que Jesus restará intacto após a implosão. Na realidade, segundo Nietzsche, o opositor de Jesus é o cristianismo, que corrompeu tudo o que ele disse, “*com o oposito do Evangelho construíram a Igreja*” (NIETZSCHE, 1994, p.68). O comportamento de Jesus e sua atitude – que contêm na realidade *todo* seu Evangelho – são soterrados e “ser cristão” é simplesmente sinônimo de “crer”, isso “*é o que se pode chamar negar o cristianismo*” (Ibidem, p. 73).

A própria palavra “cristianismo” é já um equivoco – no fundo só existiu um cristão, e esse morreu na cruz. O “Evangelho” morreu na cruz. Aquilo a que desae entao se cnamou “Evangelho” era já o contrário do que o *Cristo* havia vivido: uma “má nova”, um “*Dysangelium*”. É falso até à estupidez o ver numa “fé”, neste caso a fé na salvação por Cristo, o sinal distintivo do cristão: a *prática* cristã, uma vida tal como a *viveu* aquele que morreu na cruz, apenas isso é cristão... [...] O “cristão”, o que de há dois mil anos a esta parte é chamado cristão, não é outra coisa mais do que um desconhecido psicológico de si próprio (Ibidem, p. 72-73).

O filósofo da superação do homem detestava o ressentimento porque ele impede todo movimento ascendente. Por extensão, também rejeitou a moral porque tinha no ressentimento sua emoção dominante. O ressentimento é usado pelas naturezas impotentes que não podem agir, indo assim ressentindo-se indefinidamente, desenvolvendo um ódio interno corrosivo, que nunca é dissolvido pela ação, que “*não é prejudicial a ninguém mais do que ao próprio fraco*” (NIETZSCHE, 2003, p. 36). “*A emoção dominante na evolução da moralidade [...] veio a ser não o orgulho de si mesmo [...] mas um preconceito defensivo contra todos que tiveram sucesso e atingiram a felicidade que não pôde atingir para si*”<sup>11</sup> (SOLOMON, 2003, p.90).

O cristianismo surge como uma religião de aviltamento, subestimação:

---

<sup>11</sup> “The dominant emotion in the evolution of Morality [...] came to be not pride in oneself [...] but a defensive prejudice against all of those who succeed and achieved the happiness that one could not oneself achieve.” Tradução minha.

moralmente dizendo que assim está mais próximo da verdade – já que para ele foi esta que o incitou a agir – para Nietzsche, existe apenas um *erro* incitando a ação.

Assim, nego a moralidade como nego a alquimia, ou seja, nego os seus pressupostos, mas *não* que tenha havido alquimistas que acreditaram nesses pressupostos e agiram de acordo com eles. [...] Não nego, como é evidente – a menos que eu seja um tolo –, que muitas ações consideradas imorais devem ser evitadas e combatidas; do mesmo modo, que muitas consideradas morais devem ser praticadas e promovidas – mas acho que, num caso e no outro, *por razões outras que as de até agora* (NIETZSCHE, 2000a, p. 75).

A moral também é censurável para Nietzsche porque é como se dissesse: “Não pensem! Vocês não devem refletir ou examinar. Devem aceitar e respeitar”. “*O melhor meio para conduzir a humanidade pelo nariz – eis a moral!*” (NIETZSCHE, 1994, p. 84). Ela define a capacidade pensante das pessoas com seu imperativo “obedeça!” sem pensar em responder o “por quê?”. Nietzsche está contra esse “obedeça!” presunçoso que nem pensa em se justificar, contra essa ofensa à nossa consciência, nossa excelência, nossa honestidade. Este “obedeça!” que crê ser sua própria justificação é semelhante à justificação da fé pela fé e esta semelhança põe ambos sob o céu metafísico. Depois deste parágrafo não é estranho pensar porque chamei a moral dos cordeiros de “santa moral”.

“O anticristo” é a contrapropaganda nietzschiana do cristianismo, porque este representa a moral de ressentimento que impede o homem de se sublimar. Este livrinho de pouco mais de 50 páginas é para olhos já habituados ou com predisposição à verdade. Nele, encontramos um Nietzsche cansado de estupidez e fanatismo e, que por isso mesmo, mostra sua face mais imoderada e violenta. O estilo é desbocado, cáustico, mas é também desconcertante porque, apesar do tom blasfemo – se tentarmos ser julgadores imparciais – veremos que não há nem mesmo uma mentira, como poderíamos – uns mais que outros – desejar que houvesse.

O título “O anticristo” foi possivelmente uma escolha agressiva para suscitar a curiosidade das pessoas, já que, para Jesus, Nietzsche não reservou nenhum ódio, reservou-o todo para o cristianismo, resultando que o

Ao chamar Nietzsche de “imoralista” – como ele mesmo se chamou muitas vezes em seus livros – temos de ter consciência que ele o é apenas perante a moral instituída, mas que, como defensor de *seu* plano moral, é um “moralista”.

Ele é [...] o defensor de um tipo mais nobre de moralidade, uma perspectiva mais ampla, mais diversa (ou, antes, um número indefinidamente grande de perspectivas) onde os dons e talentos de cada pessoa recebem atenção e são o mais importante. Nietzsche não defende a imoralidade, mas mostra como a moral do “tu não deves” é mínima e inadequada<sup>10</sup> (SOLOMON, 2003, p. 50).

O ódio nietzschiano à moral pode fazer alguém entender que o pensador deseja valorar as coisas de modo totalmente oposto ou que ele não aceita nem mesmo um aspecto do modelo moral, ou talvez que Nietzsche gostasse do assassinato, do roubo e da mentira – já que são condenados pela moral e ele é imoral. Este raciocínio simplista pode ser o de alguns moralistas que odeiam Nietzsche, mas seríamos no mínimo inocentes se pensássemos que ele, só pelo fato de ter identificado mais aspectos negativos que positivos na moral, impôs a si mesmo o dever de rejeitar indistintamente tudo o que fosse moral. Nietzsche foi muito inteligente e só alguém cem vezes mais burro que ele poderia fixar esse dever patético. Tal anti-moral – como *dever* negar tudo o que a moral sagrou – não passa de moral, outra moral estúpida semelhante à que Nietzsche rejeita. Em “Aurora”, ele nos ensinou como entender sua negação da moralidade, que ocorre sob dois modos: Ele diz que as pessoas são morais não porque os motivos que as incitam a agir assim sejam morais – nega que tais motivos sejam morais. “*A submissão à moral pode ser servil ou vaidosa, ou egoísta, ou resignada, ou obtusamente fanática, ou irrefletida, ou um ato de desespero, como a submissão a um príncipe: em si, não é nada moral*” (NIETZSCHE, 2000a, p. 73). E, como não crê, como Kant, na existência no homem da faculdade dos juízos sintéticos *a priori* – que possibilitariam juízos morais universais – também afirma que nossos juízos morais não repousam sobre verdades, mas sobre erros. Neste caso, quando alguém age

---

<sup>10</sup> “He is [...] the defender of a richer kind of morality, a broader, more varied perspective (or, rather, an indefinitely large number of perspectives) in which the gifts and talents of each individual count first and foremost. Nietzsche doesn’t advocate immorality; he rather points out how minimal and inadequate is a Morality of ‘Thou shalt not’”. Tradução minha.

## A SANTA MORAL

“A virtude é uma espécie de mímica.”  
Nietzsche

Nietzsche identificou duas moralidades na Europa em que viveu – a dos senhores e a dos escravos, mas disse que a primeira possui poucos praticantes e que todos os outros participam da moral de escravos. A publicidade da moral de escravos é intensa e explica seu predomínio sobre a moral de senhores que, por ser uma moral pessoal e sincera, não existem instituições que aconselhem-na – já que geralmente precisam de homens de rebanho para funcionar mais facilmente – como o cristianismo e sua impetuosa propaganda pró-moral de escravos. Como esta última desde seu surgimento sempre teve extraordinariamente mais seguidores, logicamente encontraremos mais pensadores famosos que sancionaram-na – como Kant, para quem comportamento moral é o que deve ser universalizável – do que pensadores que renegaram-na – caso de Nietzsche. A preguiça também é publicidade para a moral de escravos – como sempre foi mais comum a espécie de homem que não pensa e não analisa as coisas por si mesmo, isso também explica a popularidade dessa moral.

Por que Nietzsche rejeita a moral? Segundo ele, há muitas razões para fazermos o mesmo e só não fazemos porque as publicidades pró-moral – cristianismo, Kant e preguiça – não nos deixam ter consciência do que está subjacente, escondido. A moral impossibilita o desenvolvimento intelectual e científico das pessoas; seu etos individual e sincero subjaz a um etos coletivo e falso; os talentos, a força, a diversidade, a vida em si são represados, desestimulados e negados pelo *slogan* moral “niveação já!”. Os preceitos morais, diz ele, têm o fim de nivelar e de assemelhar a todo custo indivíduos que, sabemos, são diferentes, “o sistema trabalha, sobretudo, para suprimir as forças e as energias dos superiores, dos fortes”<sup>9</sup> (SOLOMON, 2003, p. 51), o que só é bom para os cordeiros – já que a niveação ocorre à altura deles, as águias não podem fazer ação alguma mais alta que este limite.

---

<sup>9</sup> “The system works above all to suppress the drives and the energies of the superior, the strong.” Tradução minha.

Essa análise difícil mas essencial apresenta-se sob a forma – é o seu conteúdo aparente – de uma crítica da moral, conduzida à maneira de Nietzsche. Trata-se de refutar a argumentação pela qual os cordeiros tentam salvar a vida e isso graças a uma condenação da ação das aves de rapina, condenação que bastaria fazer com que estas últimas dela compartilhassem para que, com efeito, a vida deles estivesse salva. Ora, a argumentação – dos cordeiros – repousa inteiramente no pressuposto de um desdobramento da força, de sua separação de si mesma, em suma, na negação de sua imanência radical. [...] Eles [os cordeiros] apoderam-se dessa separação fictícia da força de si mesma a fim de avaliar à sua luz o ser e o fazer das aves de rapina, considerando-as como substratos neutros, como indivíduos livres para exercer sua força ou não, livres para ser ou não aves de rapina. Nessa liberdade de ser ou não aves de rapina, nessa liberdade da força de não ser a força, de não os devorar, reside a salvação dos cordeiros. Só que essa liberdade de não ser si mesmo, nem a força nem a vida em geral a possui (HENRY, s/d, p. 28-29).

começou com os homens? Os mesmos seres limitados e falíveis que hoje nós nos consideramos?

“Mas houve a revelação!” – dizem os cordeiros lançando sobre a mesa a última carta, defendendo assim as valorações de sua moral insuflando-lhe um ar de “verdades metafísicas”. O anticristo esfacelou a pretensão metafísica de verdade da moral com a afirmação de que na comparação entre culturas esta pretensão não pode mais se manter. “As grandes verdades se esfacelam na multiplicidade de técnicas culturais que evidentemente existem” (SAFRANSKI, 2001, p.173). Mais um ponto favorável à não-transcendência da moral. “A história da moral não é moral, e nos sentimentos morais não se move o que é bom no ser humano, mas manifesta-se toda uma longa história de costumes e características culturais” (Ibidem, p. 168).

Em “Aurora”, ele só precisa de três linhas para transformar o que os homens de rebanho chamam de moralidade em algo que nem mesmo tem relação com moralidade: “Aceitar uma crença porque é costume – mas isto significa: ser falso, ser covarde, ser preguiçoso! – Então falsidade, covardia e preguiça poderiam ser pressupostos da moralidade?” (NIETZSCHE, 2000a, p. 74)

A análise genealógica mostrou a amoralidade da moral dos cordeiros: insinceridade, preguiça, costumes, cultura, história, mas não uma moral sincera – é o que descobrimos após a análise. Parecem razões suficientes para desejar uma moral mais nobre e, no entanto, os cordeiros, pelo fato de terem um intenso instinto de submissão à autoridade, preferem, como já foi dito, enfrentar as águias (esta decisão, enfatizo, originou-se inconscientemente da “necessidade de obedecer”). Sua moral também está para isto – condenar o comportamento das águias, persuadi-las a não serem águias, fazê-las sentirem-se culpadas por serem animais de rapina e incitar sua compaixão. Michel Henry desenvolve uma cena para mostrar que o que os cordeiros pedem das águias – não ser si mesmas – é um absurdo lógico. É verdade que muitas podem conseguir não agir como águias, mas sempre serão. Henry começa seu exercício imaginativo com a cena de águias que se atiram sobre cordeiros para devorá-los.

Todo uso passa a ser mais digno quanto mais se distancia de sua origem. Tudo o que se opunha à tradição era 'mau' por ser individual, livre, voluntário, inusitado, inapreensível, incalculável. A tradição tornou-se autoridade não porque tenha proveito, mas porque *manda*, e a mesma 'maldade' está em todo professor e pregador do *novo*, que chama a si mesmo de vencedor<sup>7</sup> (MORENO, 1972, p.80).

Bom é o antigo e o habituado, mau é o novo. É interessante notar que o que é "bom" não tem relação com utilidade ou solução do que ameaça a existência da comunidade. É bom porque é tradição. Desde muitos séculos atrás não podemos justificar o "bom" porque sua origem se perdeu no tempo e desde então ele não passa de tradição pura gritando.

A espiritualidade superior e independente, a vontade de estar só e mesmo a grande razão serão percebidas como perigo: tudo o que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo é doravante apelidado de *mau*; a mentalidade modesta, equânime, submissa, igualitária, a *mediocridade* dos desejos obtêm fama e honra morais (NIETZSCHE, 1992, p.100).

Os cordeiros submetem-se à autoridade, seja ela o que for, e à tradição. Fazendo isso, prescindem de sua idiossincrasia e identidade. A moral dos cordeiros – a moral da semelhança e da coesão – sanciona as mesmas valorações para todos, *“como se não fosse concebível nenhuma opinião diferente sobre as coisas, em nenhum homem, nem em nenhum momento”*<sup>8</sup> (MORENO, 1972, p.83). Eles pensam que não perdem sua individualidade, desejam pensar que as valorações feitas pela moral que adotaram são suas próprias escolhas – que se um dia tivessem que ter escolhido, suas valorações seriam assim mesmo ou que se escolhessem diferentemente estariam errando porque “tradição” é sinônimo de “certo” – ou que diante da autoridade da tradição não têm o direito de ter pensamentos e valorações próprias – este é um sussurro do instinto submisso dos homens de rebanho. Mas como “tradição” e “certo” podem ser sinônimos se a tradição

<sup>7</sup> “Todo uso pasa a ser más digno cuanto más se aleja de su origen. Todo lo que se oponía a una tradición era “malo” por ser individual, libre, voluntario, desacostumbrado, inaprensible, incalculable. La tradición se ha tomado como autoridad, no porque sea de provecho, sino porque *manda*, y la misma ‘maldad’ está en todo maestro y predicador de *lo nuevo*, que se llama conquistador.” Tradução minha.

<sup>8</sup> “Como si no fuese concebible ninguna estimación distinta sobre los hechos, en ningún hombre, ni en ningún momento.” Tradução minha.

Nietzsche critica a Moral, antes de tudo, recusando a compartilhar a fascinação de Kant com os aspectos formais e *a priori* da assim chamada lógica da moral. Sua ênfase, pelo contrário, está inteiramente nos aspectos empíricos de contexto e caráter. A pergunta de Nietzsche poderia ser assim: Que tipo de pessoa adotaria (e que tipo de pessoa realmente adotou) essa espécie de lógica prática que Kant tão incisivamente analisa?<sup>6</sup> (SOLOMON, 2003, p.48).

Com isso, ele não deseja que tentemos encontrar o tipo de pessoa que adotaria a lógica prática kantiana. Na verdade, a pergunta é um jeito de dizer que ninguém adota e que a moral é totalmente empírica. Mas mesmo que atualmente seja mais fácil encontrar pessoas que aceitam essa afirmação de Nietzsche – de que moral é algo empírico – do que outras que não aceitam, o estranho é que vivemos como se não aceitássemos, vivemos como se moral fosse algo apriorístico; noutra palavra, o mundo é kantiano não nietzschiano; mas o pior é que essa ilusão – o *a priori* da Moral – não só legítima, mas prescreve a moral de escravos, por estar mais próxima da moral kantiana – o que deve ser universalizável – passando assim a ser verdadeira e absoluta porque foi ditada ou por Deus ou pela Razão Prática.

No final de “O anticristo” Nietzsche pratica suas exímias habilidades de psicólogo entrando na mente dos homens de rebanho para nos narrar o modo como estes entendem as leis morais. Há, por um lado

*a revelação*, isto é, a afirmação de que a razão dessas leis não é de origem humana, que não foi procurada e achada lentamente, com equívocos, senão que é de origem divina, inteira, perfeita, sem história, que é um presente, um milagre, que foi singularmente comunicada... Por outro lado, *a tradição*, isto é, a afirmação de que a lei existiu desde tempo imemorial e que pô-la em dúvida seria **uma falta de respeito, um crime para com os antepassados**. A autoridade e a lei estão fundadas sobre estas teses: Deus deu-a, os antigos viveram-na (NIETZSCHE, 1994, p.112).

Deste raciocínio, originou-se a definição do que é bom e do que é mau, segundo a moral dos escravos.

---

<sup>6</sup> “Nietzsche’s critique of Morality consists first of all in his refusal to share Kant’s fascination with the formal and a priori aspects of the so-called logic of morality. His emphasis, by contrast, is entirely on the empirical aspects of context and character. Nietzsche’s question might be put, **What kind of a person would adopt (and what sort of people actually have adopted) the kind of practical “logic” that Kant so incisively analyses?**” Tradução minha.

*individual que poderia se enriquecer segundo suas potencialidades*"<sup>4</sup> (MORENO, 1972, p.81).

Realmente, se pensamos, como Kant, que o que é moral é o que deve ser universalizável, não podemos falar de "moral" de senhores, pois ela não passa no teste da universalização, por ter uma lógica diferente.

Qual é a lógica da Moral? Sobretudo, é a rejeição do egoísmo (e formas mais suaves de auto-interesse), e com o fim de fazer isso, abraça um princípio lógico que elimina sistematicamente não apenas as referências a si mesmo, mas também qualquer referência a pessoas ou situações particulares. A essência dessa lógica, o que alguns autores têm considerado o coração conceitual da Moral e dos juízos morais, é a universalização. Tudo que alguém deve fazer é o que qualquer outra pessoa (em circunstâncias suficientemente semelhantes) deve fazer também. Em face disso, a universalização expressa um profundo igualitarismo – todos nós somos moralmente iguais. Não há exceções, nem casos especiais, nem pessoas ou classes privilegiadas<sup>5</sup> (SOLOMON, 2003, p.49).

Mas para Nietzsche é possível sim falar de uma moral que use outra lógica que não a do dever-ser-universalizável, no caso, a moral de senhores. Para dizer isso, ele atacou com o aforismo 11 de "Além do bem e do mal" – que está dentro do capítulo com o sugestivo título "Dos preconceitos dos filósofos" – justamente as bases que sustentam a lógica da Moral kantiana – a Moral com características *a priori*, não-empírica e sem relação com os costumes. A afirmação kantiana de que existem juízos sintéticos *a priori* – os tais juízos que a lógica da moral diz serem universais – Nietzsche responde com a sagaz pergunta: "*Por que é necessária a crença em tais juízos? [...] Eles não deveriam absolutamente 'ser possíveis': não temos direito a eles, em nossa boca são somente juízos falsos*" (NIETZSCHE, 1992, p.18).

<sup>4</sup> "Vemos claramente adherida toda natureza moral a Orígenes de sometimiento y de comunidad en vez de tener por fundamento una personalidad individual que ha de enriquecerse según sus potencialidades." Tradução minha.

<sup>5</sup> "What is the logic of Morality? Above all, it is the rejection of selfishness (and milder forms of self-interest), and in order to do this it embraces a logical principle that systematically eliminates not only references to oneself but also any reference to particular persons or situations. The linchpin of that logic, accordingly, what some authors have taken to be the conceptual core of Morality and moral judgments, is *universalizability*. Whatever one *ought* to do, anyone else (in sufficiently similar circumstances) ought to do so as well. On the face of it, universalizability expresses a profound egalitarianism – all of us are moral equals. There are no exceptions, no special cases, no privileged people or classes". Tradução minha.

sentencioso narrando o modo como ocorrem as valorações das pessoas. Aos cordeiros, que ele seja uma incitação a mudarem de atitude:

Todas as ações remontam a valorações, todas as valorações são *próprias* ou *adotadas* – essas últimas são bem mais numerosas. Por que as adotamos? Por medo – isto é: achamos aconselhável fazer como se fossem também nossas – e nos acostumamos a tal dissimulação, de modo que ela termina por ser nossa natureza. Valoração própria quer dizer: medir uma coisa conforme o prazer ou desprazer que causa justamente a nós e ninguém mais – algo bastante raro! – Mas nossa valoração do outro, em que se acha o motivo para, na maioria dos casos, utilizarmos *sua* valoração, não deve ao menos partir de *nós*, ser nossa *própria* determinação? Sim, mas chegamos a ela quando *criança*, e raramente mudamos a forma de pensar; em geral somos por toda a vida, os bufões dos juízos infantis a que nos habituamos, na maneira como julgamos nosso próximo (seu espírito, categoria, moralidade, sua natureza exemplar ou condenável) (NIETZSCHE, 2000, p.76).

Especialmente os homens da moral de rebanho – pela ausência de lucidez que geralmente há neles – não enxergam sua moral como simples perspectiva, mas como *única* perspectiva. No mundo, há muito mais homens de rebanho do que espíritos-livres, portanto o clima moral do mundo é o de rebanho e toda moral diferente da de rebanho é vista como não-moral, como imoral. O desejo de Nietzsche (1992, p.101) é que outras morais, “*sobretudo mais elevadas*”, mudem o clima do mundo, mas “*contra tal ‘possibilidade’ [...] essa moral se defende com todas as forças, porém: ela diz, obstinada e inexorável: ‘Eu sou a moral mesma, e nada além é moral!’*” (Ibidem, p. 101).

Para os escravos não é possível falar de uma “moral de senhores”, é possível sim antepor outro substantivo a “senhores” mas não o substantivo “moral”, já que a moral de senhores é para os escravos um escândalo e uma imoralidade. Para os escravos – os cordeiros – só podemos falar de *moral* quando também falamos de *rebanho*. A moral de senhores é um escândalo porque seus praticantes pensam em si e em desenvolver suas potencialidades e não prezam o rebanho. Agindo assim, os senhores têm uma natureza diferente da “natureza moral” – submissa e solidária – que só têm os homens de rebanho. “*Toda natureza moral tem sua origem na submissão e na comunidade, não tem por fundamento uma personalidade*

destes animais de rapina pode ser separada de seu ser, pois ela não é imanente, que ela deve ser deixada em algum canto muito escuro no seu interior e não ser exercitada, não ser acionada, não ser usada e que mesmo assim podem ser felizes, diferente do que pensavam os que aceitavam que a força destes animais fosse imanente e que portanto felicidade para eles fosse dissociável de ação.

Nietzsche entende porque os cordeiros dissuadem as águias de serem águias, entende porque eles são incapazes de pensar, por exemplo, em deixar de ser animais de rebanho, o que, para Nietzsche, seria mais interessante. Possivelmente, o filósofo alemão se perguntou: “Por que, para garantir sua existência, os cordeiros preferiram dissuadir as águias de seguir sua natureza a pensar a respeito deles mesmos se tornarem mais fortes?” E encontrou a resposta no que ele chamou de “exercício de obediência”, uma espécie de “necessidade de obedecer” instaurada pelos primeiros homens de rebanho e transmitida desde então por herança genética a todos os homens, que impossibilitou aos cordeiros pensar que eles podem se tornar fortes, que fechou totalmente o acesso a este pensamento, por ele ser indiferente à necessidade de obediência – os fortes não obedecem a uma autoridade externa, são eles mesmos sua autoridade. Os espíritos-livres estranhamente conseguiram superar essa necessidade...

Na medida em que sempre, desde que existem homens, houve também rebanhos de homens (clãs, comunidades, tribos, povos, Estados, Igrejas), e sempre muitos que obedeceram, em relação ao pequeno número dos que mandaram – considerando, portanto, que a obediência foi até agora a coisa mais longamente exercitada e cultivada entre os homens, é justo supor que via de regra é agora inata em cada um a necessidade de obedecer, como uma espécie de *consciência formal* que diz: “você deve absolutamente fazer isso, e absolutamente se abster daquilo”, em suma, “você deve”. Esta necessidade procura saciar-se e dar um conteúdo à sua forma; nisso ela agarra em torno, conforme sua força, impaciência e tensão, de modo pouco seletivo, como um apetite cru, e aceita o que qualquer mandante – pais, mestres, leis, preconceitos de classe, opiniões públicas – lhe grita no ouvido (NIETZSCHE, 1992, p. 97).

Nietzsche (2000b, p. 72) diz que cada moral é apenas “perspectiva moral”, algum sistema forjado por nós mesmos ou por nós abraçado que nos faz viver e julgar as coisas segundo sua lógica. O aforismo 104 de “Aurora” é

fossem imprescindíveis para que ela existisse – eles já estão bem seguros da nobreza de sua moral, não é a *oposição* que a justifica, mas a *certeza* que têm. A moral de senhores é moral de ação porque seus homens desejam usar, “acionar” sua força de senhores. Esse “acionar” as forças que trazem em si é entendido por eles como sinônimo de felicidade, eles não sabem “*separar da felicidade o agir*” (NIETZSCHE, 1991, p.82). Isso não significa desejar lutar com os escravos, mas significa desejar serem as águias que são. Os cordeiros, antes de desejarem ser cordeiros desejam impedir as águias de serem águias para que tenham suas existências asseguradas. Mas não fazem isso num confronto direto e honesto, porque não têm a força necessária a quem pode ser um oponente das águias. E, como apesar das limitações fisiológicas – para usar a palavra que Nietzsche usava – dos cordeiros, eles insistem pela luta e não só insistem – estão vencendo a luta! – tão bom resultado, não se deve a méritos justos e reais, mas a méritos pérfidos.

Os cordeiros substituíram o confronto direto por um confronto que não se realiza como confronto, mas que existe como impotência, como incapacidade de confronto real – o confronto dos nobres, a ação. A reação dos cordeiros não deve ser entendida como reação de seres fortes, como reação no sentido de “ação contra outra ação”. A reação dos cordeiros é simplesmente uma vingança imaginária sustentada pelo ressentimento. E, na ausência da força para o confronto, só têm a esperteza para lhes garantir a existência. Por esse motivo, segundo Nietzsche (1991, p. 42), eles são muito mais espertos que os nobres que, sendo fisiologicamente fortes, não precisaram ser espertos para assegurar sua existência, o que foi imprescindível para os cordeiros, fisiologicamente débeis.

Os cordeiros não desejam conscientemente ser cordeiros, desejam viver e já que são cordeiros, é claro que isso seria mais fácil se as águias cedessem um pouquinho, assim eles pensam. E para atingir esse “ceder um pouquinho das águias” tiveram de forjar algumas falácias e usar alguns estratagemas, tão bons por sinal que convenceram não apenas cordeiros, mas águias, como, por exemplo, disseminaram a falaz crença na força não-imanente das águias, afirmando – mas não diretamente, porque eles não fazem nada diretamente, sussurrando, insinuando em muitas premissas soltas, de modo que a conclusão desejada pudesse ser haurida – que a força

é chamada de “moral nobre” e “moral aristocrática” e seus praticantes chamados de senhores, fortes, espíritos-livres e águias. No pensamento nietzschiano, penso que este último substantivo é perfeito para ser usado com “cordeiros” – mostra a oposição, a diferença entre as naturezas, a lógica das duas morais, a consagração de princípios diferentes e mesmo opostos feita por cada uma e a psique dos homens que as integram quando identificamos nestes natureza de cordeiros ou de águias.

As duas morais sendo antagônicas, enfrentam-se. Mas o enfrentamento ocorre porque os cordeiros – ou a moral de escravos – entendem que tem de ser assim. Enfrentam para que sua moral continue existindo e para que assim sua espécie também continue. A moral de senhores não deseja o enfrentamento, deseja ser; e se o enfrentamento ocorre, para esta, ele é apenas a lógica que diz que para fazer a omelete é preciso quebrar o ovo. “*A moral de escravos é de ‘reação’, pois consiste antes de tudo na rejeição de uma perspectiva oposta, a moral nobre*”<sup>3</sup> (SOLOMON, 2003, p. 47). Esta última sempre dirá “sim” a si mesma, “*a moral dos escravos desde o início diz sim a outro, [...] a um ‘não-ele-mesmo’*” (REALE; ANTISERI, 1991, p. 422).

Enquanto toda moral nobre brota de um triunfante dizer-sim a si próprio, a moral de escravos diz não, logo de início, a um “fora”, a um “outro”, a um “não-mesmo”: e esse “não” é seu ato criador. [...] essa direção *necessária* para fora, em vez de voltar-se para si próprio – pertence, justamente, ao ressentimento: a moral de escravos precisa sempre, para surgir, de um mundo oposto e exterior, precisa, dito fisiologicamente, de estímulos externos para em geral agir – sua ação é, desde o fundamento, por reação (NIETZSCHE, 1991, p. 81).

Os nobres não estão para rejeitar seu oposto. Estão muito interessados em si mesmos para perderem tempo com essa oposição, e quando saem de si, quando contemplam os escravos, adquirem mais gratidão e amor a si próprios. Portanto, quando os nobres contemplam a moral de rebanho, não procuram justificar sua moral pela oposição, como se a oposição, como se o combate, fosse a afirmação de sua moral, como se

---

<sup>3</sup> “Slave morality is ‘reactive’ in that it consists first of all in the rejection of an opposed perspective, that of noble morality”. Tradução minha.

## QUEM SÃO OS CORDEIROS E SEU *MODUS VIVENDI*

"Para desgarrar muitos do rebanho, foi para isso que vim."  
*Nietzsche*

O substantivo "cordeiros", centro desta primeira parte de minha monografia, foi uma metáfora usada por Nietzsche para simbolizar a espécie de homem que seus dois capítulos abordarão. Outras metáforas também serão usadas no decorrer deste texto, pois foram genialmente usadas por Nietzsche. Seus aforismos – o modo fragmentário em que ele escreveu praticamente todos os seus livros – têm metáforas, neologismos e elipses que lhe possibilitaram um estilo sagaz, sentencioso e deliciosamente sincero e imodesto. Imodesto porque sincero.

As moralidades existentes na época em que Nietzsche viveu e, por extensão, na nossa também, por ser essencialmente semelhante à dele, resumem-se em apenas duas: a moral de escravos e a moral de senhores. Segundo ele, o cristianismo é o principal professor da primeira moral, e também seu fundador, pois foi ele que uniu, depurou, intensificou e desenvolveu todas as características da moral de escravos. Com o cristianismo, essa moral atingiu sua máxima caracterização.<sup>1</sup>

Mesmo que a moral de escravos seja cultivada por todas as religiões no que diz respeito à submissão do rebanho a alguma autoridade: Deus, um sacerdote, um livro, um mandamento, um costume, Nietzsche a relaciona exclusivamente com o cristianismo porque para ele só na moral cristã ou judaico-cristã – se desejamos considerar sua origem – a moral de escravos jaz com *todas* as suas características.

E assim começam as metáforas. Como sinônimos para moral de escravos temos "moral de rebanho", "moral de ressentimento" e "moral de tchandala"<sup>2</sup> e os homens que a integram são chamados de escravos, fracos, religiosos, ovelhas, cordeiros e mesmo vacas. A "moral de senhores" também

<sup>1</sup> Fora o espaço reservado ao cristianismo em outros de seus livros como "Humano, demasiado humano", "Além do bem e do mal", "Para a genealogia da moral" e "Aurora", o pensamento nietzschiano sobre esta religião encontra-se concisamente em "O anticristo".

<sup>2</sup> Tchandala: "Nome genérico dado aos indivíduos da classe mais inferior na sociedade de castas hindu" (NIETZSCHE, 1994, p.30).

I

# OS CORDEIROS

e opiniões: compaixão, altruísmo, pecado, castigo, humilhação – mas admitindo simultaneamente que os homens não sustentam sinceramente essa moral e que só poderiam sustentar com sinceridade se as virtudes e se os preceitos fossem *seus*, e admitindo também que mesmo os homens que praticam tal moral o fazem porque nunca desejaram ou nunca tentaram censurá-la metodicamente. Esse é o momento de transição de minha monografia: a moral dos cordeiros é censurada no que ela não tem de metafísico mas afirma que tem, no que ela não tem de semelhança com “desejo de Deus” mas afirma que tem, é censurada porque após seu exame, descobrimos que ela nem mesmo é moral. ”*A submissão à moral pode ser [...] egoísta, ou resignada, [...] ou irrefletida, ou um ato de desespero, como a submissão a um príncipe: em si, não é nada moral*” (NIETZSCHE, 2000a, p. 73).

Logo, só os espíritos livres podem ser morais, porque tem *seus* preceitos, *suas* virtudes. Mas os espíritos livres são apenas nomes raros espalhados entre a multidão de cordeiros. É da natureza dos espíritos livres gostarem da verdade. Os cordeiros, mesmo que não gostem, terminam por vê-la. O mundo começa a *sentir* que a visão do cristianismo, que a visão da moral representada por esta religião não é correta. Deus morreu no coração dos homens, mesmo no coração dos cordeiros, que apenas não têm coragem de admitir. Por não terem coragem, o niilismo apossou-se do mundo. Estes homens não acreditam na terra, que é tudo o que têm. A terra está sob perigo porque os homens estão segurando os cacos dos deuses que existiram desejosos de restauração. Com as mãos segurando os cacos, os homens não podem cuidar da terra. Só os espíritos livres podem salvar a terra porque eles já soltaram os cacos e têm as mãos livres para cuidar.

## INTRODUÇÃO

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) negou a Moral. Mas é necessário entender o que ele designa por “Moral” para saber o que *realmente* está negando. Para Nietzsche, existem dois tipos humanos definidos segundo a moral que exercitam – a moral só pode ser pessoal ou impessoal. No entanto, esta última é tão poderosa que quando pensamos no conceito “moral” pensamos apenas nela. Por isso ela pode ser iniciada por um “M” e a moral pessoal não, pois a total aceitação da moral impessoal fez com que a pessoal geralmente nem fosse considerada moral.

Só a moral impessoal é negada por Nietzsche. Segundo ele, a moral judaico-cristã é o exemplo mais famoso. Todos os homens que seguem morais impessoais, vivendo em rebanhos onde todos têm os mesmos pensamentos e os mesmos talentos, são cordeiros – homens que amam o rebanho, a coesão do rebanho, a paz do rebanho, não amam *seus* pensamentos, *seus* desejos, *sua* individualidade, *sua* idiossincrasia. Algumas das palavras seguintes, talvez todas, sempre suscitarão o respeito dos cordeiros: autoridade, tradição e religião, mas só podem suscitar nos espíritos livres um sorriso indiferente, um sorriso significando que aqui elas não mandam, não suscitam medo, amor ou respeito. Espíritos livres não têm rebanho, têm seus pensamentos.

É desses homens livres e desses homens cativos que falará minha monografia. Como Nietzsche, prefiro os livres. Mas as informações sobre os dois serão dadas: a maneira como eles pensam, a maneira como interpretam o mundo, seu *modus vivendi*, o que pensam da sua existência, o que pensam da terra – informações que não intentam ocultar, como já disse, minha predileção, mas que são, apesar disso, possivelmente imparciais. A monografia está dividida em duas partes com dois capítulos cada. “Os cordeiros” e “Os espíritos livres” são os respectivos títulos das partes.

A monografia percorre um alicive, começando com os “cordeiros” – em Nietzsche, este substantivo sempre deve ser entendido como metáfora representando os homens cativos – e sua moral. Confessando que é a moral dos cordeiros que climatiza o mundo – a moral judaico-cristã, seus preceitos

se chinchilas: chinchilas não julgam nem dissimulam. Vocês são homens, julgamentos implícitos e dissimulação são sua praxe. “Atire a primeira pedra quem nunca pecou”. E todos atiram. E vestem seus mantos azul-imaculados para fazer o julgamento. A sinceridade de Nietzsche para com todos, sua honestidade pessoal e seu impetuoso amor à verdade petrificaram os homens. Detestaram tanta honestidade, incomum entre os homens. O pensador incomodou tanto porque ele foi o colírio que deu visão aos zumbis. Pobre Nietzsche! Ele não sabia que os zumbis preferiam a cegueira à visão. E foi amaldiçoado por fazê-los enxergar.

Francis Gontijo

desejos, adulterando a natureza humana, controlando as ações. E a austeridade da sua voz vira o peso na consciência. “A mordida da consciência é indecente”, escreveu Nietzsche. Sua filosofia é pró-vida. Não necessariamente anti-Deus. Necessariamente anti-tudo-o-que-nega-a-vida.

Não se deve dizer “eu sou ótimo”, “eu sei fazer”, “eu tenho razão”. Ensinarão-nos a domar nosso egocentrismo com o chicotear da modéstia. Silenciamos nosso narcisismo. E os fortes, os ótimos, os que sabem fazer foram condenados à falsa modéstia e à estagnação. Podados e agrilhoados à massa medíocre da humanidade. Infelizes por não poderem desenvolver seu potencial máximo. Todos somos vacas enquanto percorremos os mesmos caminhos. Ruminantes satisfeitos com o sal. Satisfeitos com o sal apenas. Os super-homens não podem voar. Voar é insolência. Um desacato. Bom é permanecer no chão com os desasados e esquecer que se pode voar. Esquecer que se pode deixar o rebanho e seguir noutra direção.

Vivemos numa moralidade de escravos. Somos escravos sem saber! Expomo-nos demais ao ruim e hoje pensamos ser bom o ruim. Imunizamos-nos. Conformamos-nos. Assimilamos as privações, o cerceamento, a negação da vida. Engolimos esse bolo nauseabundo e saboreamos seu sabor de coerção assentida. Na moral, deixamos de ser nós mesmos porque forçamo-nos a acreditar que somos iguais e que temos as mesmas capacidades. Os homens não são iguais, nem prezam os mesmos valores. Alguns submetem-se a uma moral derivada de crenças religiosas que já deixaram de sustentar. Os que assim fazem são inautênticos por não basear seus valores e sua moral em crenças que genuinamente sustentam. Nietzsche diz “ouse tornar-se o que você é”. Você diz sim à vida quando vive na plenitude de sua capacidade. O pensador chamou esse viver pleno de “vontade de poder” – confiar em si próprio, desatar-se da moralidade de escravo e realizar-se plenamente. O conceito nietzschiano para felicidade é concluir a “vontade de poder”, desenvolver seu potencial máximo e auto-realizar-se.

Sugiro a todos que estão desejando o fim desse meu encômio indecente que admitam todo o egoísmo que há dentro de si, todo desejo de preservação, de ascensão e toda a dissimulação que têm de usar para serem esses homens ideais, esses homens de porcelana chinesa, essas chinchilas adoráveis e sem bÍlis que eles não são. Lembrem-se, homens que desejam-

## APOLOGIA DE NIETZSCHE

“Deus está morto”. E não foi Nietzsche quem o matou. Ele não quis dizer “Eu sou o assassino de Deus!” Volte à frase e veja o que Nietzsche fez: ele apenas escreveu! A morte para ele era o distanciamento dos homens da figura divina, um movimento de descrença que tomava enormes proporções, o que Nietzsche fez foi analisar e trazer à luz, sufocada debaixo dum tapete decrépito, essa verdade escamoteada por todos. Nietzsche tocou seu dedo de fogo na carne viva. E constrangeu. E queimou. Demonizou-se ao dizer a verdade. A verdade era o indizível, o indecoroso. Nietzsche, um demônio audaz que desperta os zumbis do seu sono obscuro e ignorante. A verdade é um pecado porque vem de um demônio. Um conselho nietzschiano era esse: enfrentar nossas verdades mais difíceis, encarando-as com ousadia, sem obter recompensa alguma, apenas para viver vidas autênticas.

Explicarei a aversão a Nietzsche. Eu não o odeio. Poucas pessoas não. Ao restante, o que ele disse foi cáustico demais para suportar. O pensamento que ele apresentou foi repudiado porque as pessoas nunca querem a verdade. Elas vivem de mentiras, e chamam-nas de *inverdades* para soar mais bonito. E dizem todos os dias que procuram por pessoas verdadeiras e francas. Entenda-se: elas querem dizer com isso que procuram por pessoas que conseguem dizer as mesmas mentiras que todos dizem com *ótima aparência de verdade*. As mesmas mentiras otimamente verdadeificadas. Eu minto. Ele mente. Nós mentimos. Nós vivemos. Nós adoramos.

Nietzsche não jogou o jogo. Não fez teatro de máscaras. Não foi modesto o suficiente para ser amado. Toda modéstia é falsa. A modéstia nasce da sufocação do egoísmo que é comum a todos nós. O egoísmo é sufocado e sua débil respiração chama-se modéstia. A megalomania de Nietzsche era uma arrogância intolerável. Sua auto-suficiência, seu egocentrismo, um pecado. Ao ser verdadeiro e autêntico, só externou o que todos nós, em essência, possuímos: instinto e natureza, abafados pela moral cristã, uma anti-natureza. A moral é virulenta e anti-vida. Imaculada debaixo do seu manto pudico ninguém vê seu ferrão minando a vida, sufocando os

## ÍNDICE

**Apologia de Nietzsche,** 5

**Introdução,** 8

### **I. Os cordeiros**

Quem são os cordeiros e seu *modus vivendi*, 11

A santa moral, 21

### **II. Os espíritos livres**

Quem são os espíritos livres, seu *modus vivendi* e sua interpretação do mundo, 33

O amor à terra e o novo modelo moral, 42

**Conclusão,** 49

**Referências bibliográficas,** 52

Aos espíritos livres.

Frances Deizer Gontijo



**DA MORAL DE REBANHO À AUTENTICIDADE:  
CORDEIROS E ESPÍRITOS LIVRES NA FILOSOFIA DO MARTELO**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba como requisito para conclusão de graduação em Filosofia, sob a orientação do professor José João Neves Barbosa Vicente.

5 - 30694

Tombo nº	105.36
Classif.:	.....
Ex.:	1
.....	.....
.....	.....
Origem:	d
Data:	09.09.05

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR  
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER

**DA MORAL DE REBANHO À AUTENTICIDADE:  
CORDEIROS E ESPÍRITOS LIVRES NA FILOSOFIA DO MARTELO**

Frances Deizer Gontijo

2005